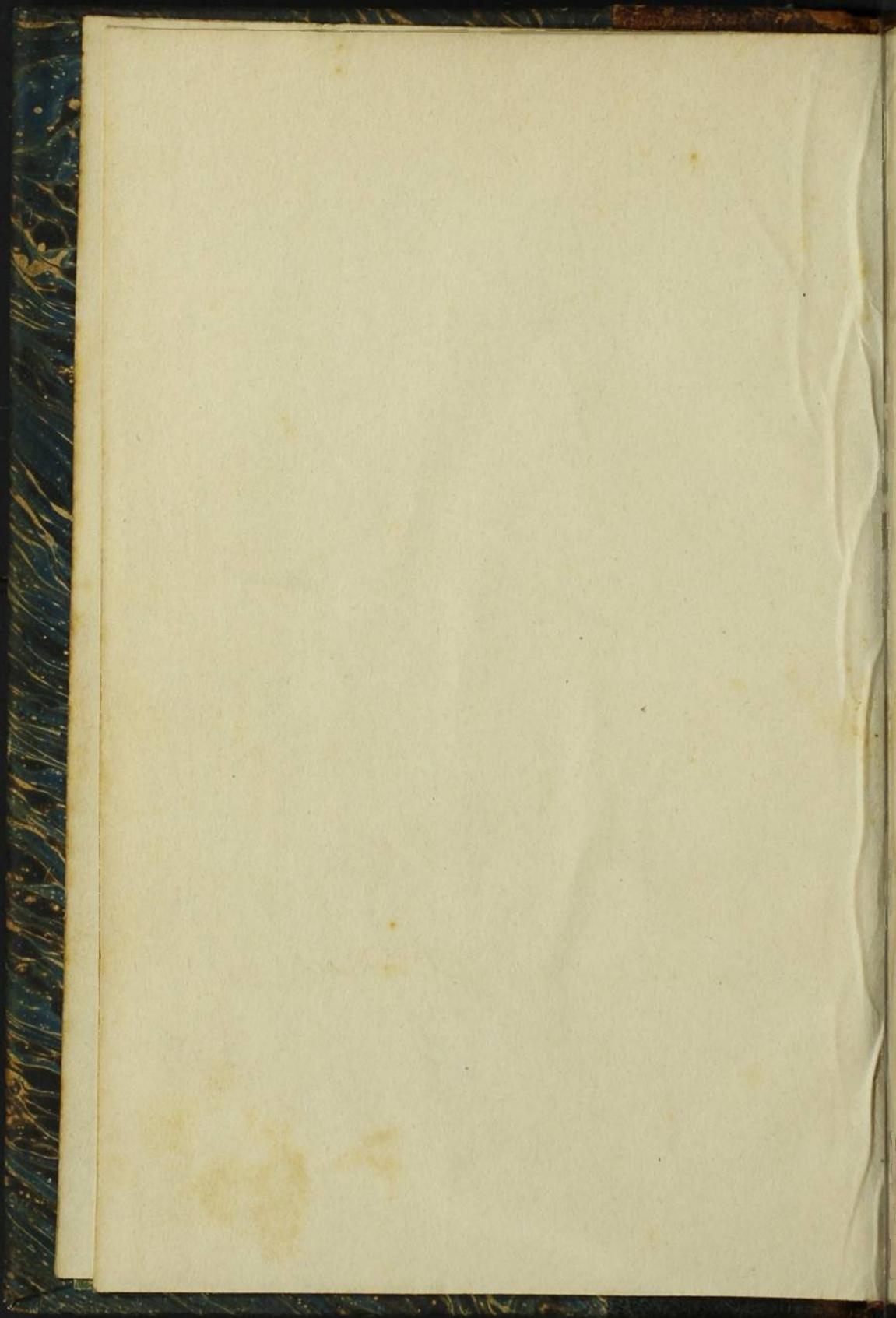


225

20

410.



FILHO DE TIMANDRO

(REPRODUÇÃO LIVRE)

2.ª EDIÇÃO



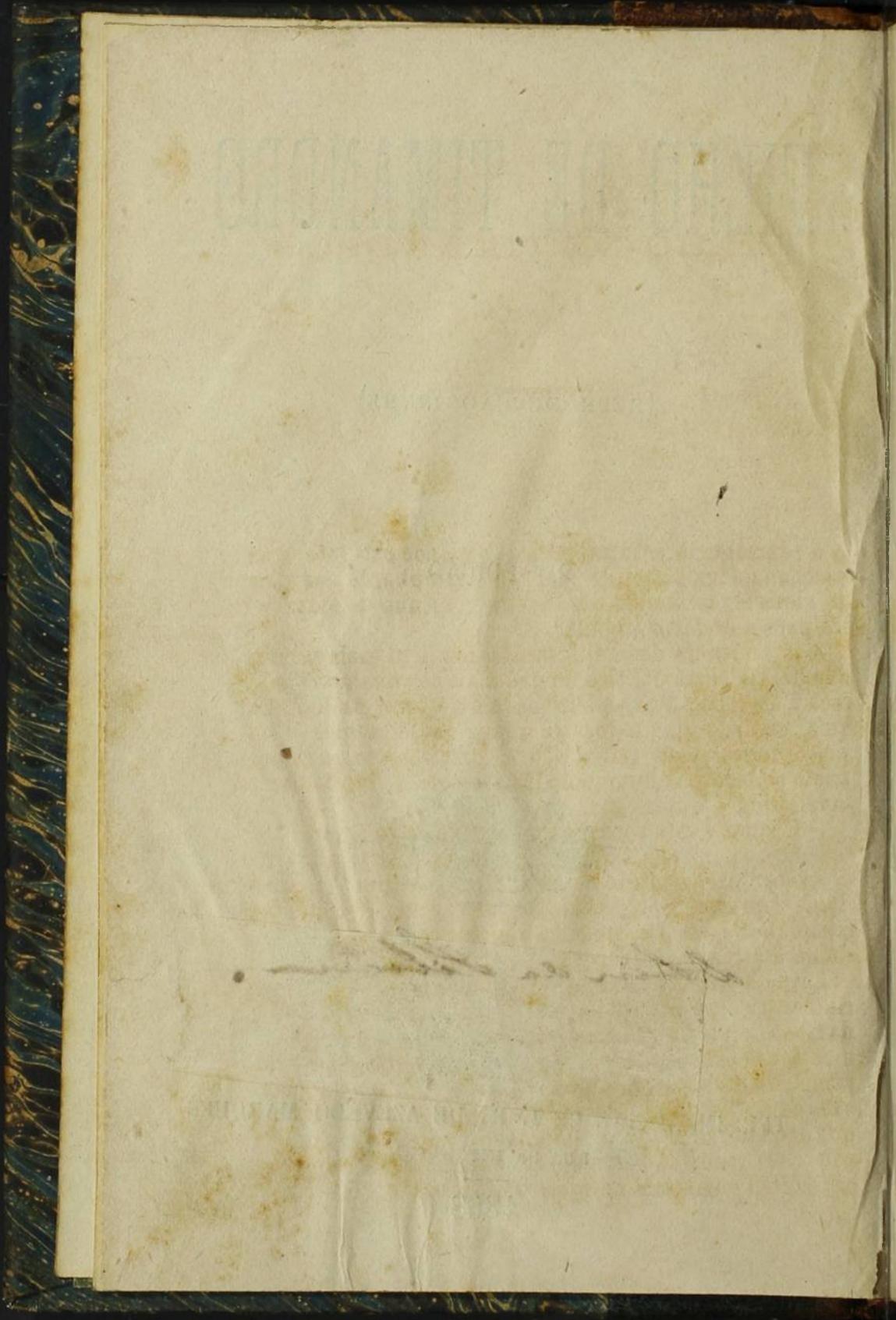
Obra da Biblioteca

S. PAULO

TYP. IMPARCIAL DE J. R. DE AZEVEDO MARQUES

27—RUA DA IMPERATRIZ—27

1868



FILHO DE TIMANDRO

A demagogia enfurecida dos partidos em luta, e as bacchanaes politicas do partido triumphante nos dias da victoria, teem sido um theatro continuo de escandalos para o civismo popular.

A impudencia dos belligerantes não tem mais recato; não ha violencia politica de que mais se envergonhem e façam segredo; mas na ebriedade e no furor da luta, ha uma verdade que todos guardam cautelosamente no peito, para que o povo não a presinta, como se um pacto sellado por juramento ligasse com o laço indissolvelvel amigos e inimigos.

—E qual é esta verdade que o povo deve ignorar?

—E' que a patria é uma praça de conquista; os partidos, columnas inimigas de assalto guiadas por seus *condottieri* os chefes de partido, e que o generalissimo que commanda o assalto, que dá a victoria e que tolera o saque é a realenza.

Levae á tribuna de um jornal politico uma catilina-ria contra o partido inimigo, vos agradecerão o mimo da nova munição de guerra, e será logo empregada: mas leve esta verdade, e todos os partidos a repellirão como um escandalo, como a revelação publica das palavras sagradas e de ordem destes ritos do carbonarismo que conspira contra as liberdades populares em seu proveito; todos os partidos, se pertencerdes a um, vos expellirão como um perigoso amotinador.

E é isso natural: não ha partido que queira cooperar na dissolução do exercito em que vive bem, nem na destituição da realeza que o paga e que o commanda.

Que importa que esta dissolução e esta destituição sejam uma condição de felicidade para a sociedade? O egoismo humano quer que a felicidade principie por casa.

Ha pois verdades que imprensa nenhuma acceta para divulgar em seu jornal, nem a troco de dinheiro. N'um paiz de imprensa livre (é incrível; mas é verdade) ha verdades perseguidas por todos, e que só pôdem metter-se em circulação por contrabando, como se pratica nos paizes regidos pelo despotismo dos Czares, de Napoleão ou de Isabel: os partidos não são menos despoticos entre nós do que aquellas cabeças corôadas.

Eis porque atiramos ao povo este pamphleto, evangelho de verdades politicas, escapado á vigilancia das patrulhas das facções?

Queremos fallar ao povo como alguns cortesãos teem fallado pela imprensa á realeza reinante, ou á realeza futura.

Porque a soberania unica e legitima, a popular, não terá algum cortezão, quando a soberania espuria da realeza e dos partidos teem um sem numero delles? Talvez ambicionemos de ser mais do que cortezão; de reivindicar esta minima fracção de soberania que nos pertence como cidadão: unica legitima e honrosa, porque em opposição á da realeza, ergue á todos os homens á mesma altura, emquanto a primeira rebaixa a todos, mesmo aos que parece erguer, porque não ergue ninguém á altura soberana.

Haverá ainda alguém que sustente os direitos da realeza sobre os rebanhos humanos, o direito do homem sobre outro homem, de um homem sobre milhares e milhões de homens por investidura recebida de Deos ou dos povos? que acredite na realidade da graça de Deos, e na unanime aclamação dos povos e na legitimidade destas duas ficções.

Se por ahí houver este alguém, não nos occuparemos em convencel-o.

Mas que vem fazer ahí estas ficções? Vem substituir

um direito ausente, este direito de dominio de um homem rei sobre milhões de homens povo. Ainda bem ! A realza reconhece que não póde governar sem titulos, e não os tendo, os inventa. Prepara uma resposta previa ao cidadão que lhe póde dizer : « Rei, com que direito queres minha obediencia ? Que titulos te dão o direito de ser meu senhor, e me impõem a mim o dever de ser teu servo ? A natureza nos fez iguaes, e ambos livres. Se és meu superior pelo direito da força, eu tenho o direito de revolta ; e se sahir vencedor, eu serei o teu senhor, e tu serás o meu servo em virtude dos mesmos titulos que invocas. » Ella prepara uma resposta a todos os cidadãos da republica, porque todos podem fazer a mesma pergunta: *cur ille et non ego ?* Porque aquelle é rei e não eu ?

Na sociedade todos os homens teem o direito igual de governar. O governo de todos é a democracia : a democracia de um só, ou de poucos privilegiados com exclusão da maioria, é a aristocracia. Ella invoca duas ficções para governar solitariamente. Invoca o direito divino e o diploma popular. Segundo ella, Deos não quer que o povo se governe, e o povo abdicou nas mãos da realza a sua soberania.

Quem ha que o acredite ?

Ninguem, principiando pela propria realza. Ella governa, e o povo a deixa governar em nome da necessidade e da felicidade das sociedades humanas !

A realza faz esta felicidade ? Consideremos.

O rei não póde ter outro desejo se não a felicidade do seu povo... depois da sua.

Ha de ser mai boa pessoa, e o seu povo muito feliz com elle.

—E' certo ; mas se fôr imbecil ?

—E' pedir a Providencia que nos livre delle.

—E se a Providencia fôr surda ?

—Esperar que o rei morra.

—E se o seu successor fôr um estúpido ?

—Esperar que morra tambem.

—E se o terceiro successor fôr um malvado ?

—Esperar sempre.

—E a nação sempre a espera da eventualidade de

Providencia que não cuve, ou que não [quer servir !

Milhões de homens povo, por gerações successivas, a supportarem o desgoverno, para respeitar a ambição de um homem que se arvorou em chefe !

—E que remedio ? Não soffrem todos os povos esse mesmo padecer ?

—Sim ; mas é mais racional, ser um povo Providencia de si mesmo, do que esperar pela Providencia publica e official, que não faz caso das necessidades populares.

A realeza, como instituição politica é uma invenção sem senso commum.

Não foi de certo o povo quem a inventou. A aceitou, quando pobre e inerme, da mão do Rei rico e vestido de cota e malha e de adaga em punho. Mas os tempos mudam e á cada um a sua vez. Já se falla em Povo-Rei !

Dizia-me, uma vez um realista ; «Dizer que a realeza é invenção sem senso commum ? ! é sustentar que a fabula do Esopo, que falla das raãs pedindo um rei a Jupiter, fôra estampada para as raãs, que não sabem lêr, e não para os homens que sabem até grego e latim, como o proprio Esopo Phrygio e como Phedro. Os homens precisam de quem os governe : eis porque inventaram um rei, e pediram a Jupiter que lhes mandasse, não um rei toco de bananeira ; mas um rei forte, encouraçado. Mas como a audacia ambiciosa de certos homens nem respeita o rei mandado por Jupiter, isto é o rei por direito divino, o povo mandou-lhe fazer uma cadeira mais alta do que as outras, que foi chamada Throno, e para desenganar os ambiciosos, decretou, que ninguem se sentaria nella se não o rei e a sua descendencia. Esta é a origem das dynastias. Esta insubordinação não data de hoje, como não data de hoje a anarchia.

No tempo da velha Inglaterra já houve fidalgote, que querendo argumentar de igual a igual com o seu rei, e este perguntando-lhe : Conde, quem te fez conde ? este respondera-lhe ; Rei, quem te fez rei ? Querendo com isso dizer que os seus subditos o haviam feito rei. Como se antes d'elle não tivesse havido Rei. Eu tenho um manuscrito ante diluviano, que diz que o primeiro

throno foi construido pelo proprio carpinteiro que fez a Arca de Noé. Ora, como eu ia dizendo, o rei é de invenção humana e de sancção divina. D'aqui vem ser elle, rei per unanime aclamação dos povos e por Graça de Deus.»

—Que responder ao velho conservador, (pois o meu argumentador era velho e conservador) sobre a origem da realza, se ella está escripta no alto de todos os decretos?!

Quanto á lembrança dos povos de mandar em sentar um rei e a sua descendencia na cadeira do poder para q' ninguem s'a disputasse, disse-lhe eu que era meio—lembrança dos povos de outr'ora; mas que os d'agora teriam uma lembrança inteira; mandariam retirar a cadeira, e guardariam em si o poder.

O velho ficou como atordoadado, e voltando a si respondeu-me; isso não é liberalismo, é democracia, é demagogia,

Fóra com ellas.

Um rei constitucional faz a guerra e a paz, e os tratados internacionaes. Com isso só tem poder de sobra para arruinar ou desdourar a nação, se quizer, ou se não fôr atilado.

Nomeia os generaes em tempo de guerra, e desta boa ou má escolha depende a victoria ou a derrota, a inacção ou a victoria prompta, a ruina das finanças ou a sua salvação; a honra ou o desdouro da nação.—E' o arbitro da sorte da nação durante a guerra e depois della por seus resultados.

Promove os magistrados e os remove á vontade mercê os ministros, creaturas suas.—Tem em punho fechado o arbitrio e a justiça. Os tribunaes hão de dar a sentença que elle lhes dictar, se tiver uma a dictar.

Como poder moderador tem o arbitrio de pôr quem quizer fóra da lei, e subtrahil-o ao castigo.

Distribue as honras e as recompensas.—Se quizer, recompensará os seus servidores privados e deixará no olvido os benemeritos da patria.

Nomeia e demitte ministros, e com elles toda a sua clientella; isto é a metade dos que recebem do poder subsistencia, honras e arbitrio. Os ministros são pois

apenas seus secretarios muito humildes, sob sua dependencia.

Os ministros fazem a assemblea segundo a tenção real.

A soberania popular que consistia unicamente na liberdade eleitoral, em toda a parte, a realza a confiscou : era um absurdo embaraçoso para ella.

Não pôde haver duas soberanias em acção ; uma, popular na rua, outra soberana no throno.

Uma devia excluir outra ; e o Poder que pôde, demittiu a da praça.

Uma realza que além de suas prerogativas constitucionaes, pôde, sem sahir da orbita constitucional, fazer escolha do corpo legislativo, é legalmente tão absoluta como o Czar da Russia, como Napoleão de França, como Izabel de Hespanha, como Rosas da Buenos-Ayres, como Lopez do Paraguay ; e o seu povo é tão livre como o polaco. Se amanhã ella quizer mandar espingardear seus desaffectedos, estabelecer a censura prévia ou levantar a inquisição, não tem mais que escolher um ministerio que obedeça. E por que o não achará ?

O ministerio escolherá para deputades os mais retrogrados e ultramontanos conhecidos. No Imperio não achará homens com esses principios, ou homens que se vendam por bom preço, em numero tal, que formem os dous terços de uma camara ? Não terá favores com que comprar o senado ?

Carlos x foi um nescio decretando elle mesmo e inconstitucionalmente os tres edictos reaes que o tocaram para Holy-Rood. Podia tel-os encommendado constitucionalmente ao seu corpo legislativo. Teria morrido no Throno, e não no exilio.

A realza constitucional atilada tem em sua mão os fios de todos os poderes. Esses são bonecos, que parecem dotados de vida propria ; mas que a realza por de traz da scena, e fóra das vistas dos espectadores, faz andar, fallar e dançar.

Assim qual será o poder do rei absoluto, que o rei constitucional não exerça tambem ?

Ha mais um poder de um grande alcance, e que os publicistas esqueceram ; poder suplementar de que usa o rei constitucional para alcançar o absolutismo. E'

o Poder corruptor que anestesia, e reduz a uma completa inacção os mais severos Catões da democracia. Um Catão ao beijamão é como um cavallo ainda bravo ha uma hora, e que se deixa sellar e montar como cavallo já velho e meio philosopho. A' vista deste phenomeno, é mesmo para o povo perguntar:—Que virtudes civicas são estas que estão á espera de qualquer sorriso da realza para se lhes entregarem em corpo e alma?

—Não acredito em taes virtudes.

Este Poder é o mais perigoso de todos para a Democracia, porque mata-lhe a força moral.

A realza constitucional ou absoluta é pois omnipotente, physica e moralmente.

Se o Imperador do Brazil não é nenhum desses soberanos e dictadores que escandalisam o mundo pela sua tyrannia, é porque não quer sel-o: o poderiaser mui constitucionalmente. Tem juizo: porque exercerá o absolutismo com excesso e com escandalo dos contemporaneos e da historia, quando o póde exercer com moderação e com disfarce, e depennar a sua gallinha sem fazel-a gritar?

O regimen constitucional representativo é o absolutismo disfarçado; mas o disfarce complica assaz o mechanismo governativo. Se se simplificasse, ganharia muito: seria mais expedito, mais economico, e perderia a odiosa capa que o disfarça; a hypocrisia do seu liberalismo, com que anda illudindo os povos.

A sociedade principia pela familia: esta é a cellula primordial, o primeiro elemento anatomico do futuro organismo. A reunião das familias, á sombra do seu campanario, fórma a aldeia: as familias da aldeia têm interesses communs a discutir: ahí principia o governo; mas não principia o poder, que nellas nada tem que ver. As aldeias, as villas e as cidades multiplicam-se, e os interesses reciprocos com ellas: fórma-se a republica. Ahí tambem não se precisa de poder: os maiores das aldeias, villas e cidades entendem-se sem elle. Onde os interesses das povoações reunidas acabam acaba a republica; mas além principiam outras republicas como esta. Uma ao Oriente, outra ao Occidente, outra ao Septentrião, outra ao Meio dia. Cada uma tem

seus interesses separados pela distancia, pelo genero de vida, por usos e costumes talvez; mas são ligadas pelo interesse reciproco de mutuo socorro e de defeza, de systema de estradas e canaes, etc. Confederam-se então, e formam uma confederação de republicas soberanas e independentes. Tal é a organização deste admiravel cortiço social e politico chamado Confederação Helvetica.

Toda a sociedade organizada naturalmente, é assim: aquella que o não é, é organizada contra a natureza, e tende sempre a tomar a forma organica que deveria ter tido desde o começo; para mantel-a em seu estado anormal, é preciso a violencia. Dizem então que é revolucionaria, e que o *Poder* deve mantel-a na ordem! Primeiro o poder, depois a sociedade para servil-o!

Toda a sociedade organizada segundo a natureza, é tranquilla e feliz; e participam da sua sorte as outras organizadas differentemente, na proporção da sua organização natural.

A Suissa, onde ninguem soffre o poder, e onde não se disputa com a autoridade soberana, que não existe, é mais tranquilla do que os Estados-Unidos que supportam e que se disputam uma tal ou qual soberania do Presidente da União e dos Governadores dos Estados.

Liberdade, fraccionamento do governo popular, ausencia absoluta de poder governativo ou central, e confederação para os interesses e defesa de todos, eis o modelo de governo que torna um povo prospero e tranquillo. Este povo não se revolta, porque não tem contra quem revoltar-se. Não se revolta pela razão de que o soberano nunca se revolta.

Na liberdade está pois a tranquillidade e a ordem, e a anarchia nas chusmas dos escravos.

Mas ha embustes que se tornam verdades a força de proclamação. Um desses é: que é preciso cortar as azas a liberdade de um povo, é preciso mantel-o perpetuamente sob a tutela do Poder, para que seja tranquillo. E para mostrar a necessidade da oppressão, se excita com ella á revolta!

Mettei no laborioso, morigerado e tranquillo povo Suisso um Poder soberano a governar e a dar ordens,

e excitareis uma furiosa tempestade politica, um cataclysmo devastador. O primeiro revolucionario é sempre o Poder. O povo faz somente as contra-revoluções. Dizia muito bem Donozo Cortez: O povo republicano é ingovernavel; mas esqueceo-se de accrescentar, porque não precisa de governo alheio quem póde governar-se a si. E' o seu direito, é a sua liberdade, é a sua independencia, é a sua dignidade.

Assim é o povo Suisso. Eis um traço caracteristico deste povo, contado por Cherbuliez, distincto publicista suisso, inimigo acerrimo da Democracia. Diz elle que um dia andando por uma rua n'uma cidade Suissa, e indo adiante d'elle um homem trajado vulgarmente; mas que todos conheciam e estimavam altamente, ninguém o cortejava. Chegando-se Cherbuliez a elle, lhe disse:—Em que paiz estamos nós, onde o primeiro magistrado da Republica, o escolhido entre os escolhidos do povo, o presidente da Dieta federal, não é cortejado pelo povo!—Ao que, respondeo o *desconhecido*; é porque o povo suisso não sente o seu governo. Que povo *aristocratico* e cioso de sua dignidade! Que magistrado digno de tão livre e nobre povo!

O poder central não é natural, e não acha razão de ser se não na ambição de quem o exerce. E' um poder intruso, conquistador: é a vespa que entra a saquear no cortiço das abelhas, e que se estabelece nelle feito rainha, e faz trabalhar a republica em seu proveito. E' a força bruta que submetteo o direito. Esta realza só tem razão, porque traz a força comsigo.

Com effeito nada mais absurdo, nem prepotente do que esse poder. Vejamol-o em sua acção. Um municipio precisa de tratar de suas ruas, de suas estradas, de seus canaes, de suas escolas, da sua justiça, de suas igrejas, de seus administradores: tem sua vontade, e seu dinheiro; que mais precisa? Metter mãos á obra como dono della que é. Entretanto remette a um Poder central dinheiro e vontade, e quando precisa de metter mãos á obra, tem de procurar empenhos para fazer chegar uma supplica ao céo deste Poder. Em cinco vezes que peça, será attendido uma vez com uma esmola insufficiente de dez, posto que de seus impostos

o municipio tenha pago cem. Destes cem, vinte foram deixados furtar pelos affilhados do Poder, vinte tocaram aos empregados da administração, vinte perderam-se nesciamente por má direcção da obra, trinta foram aproveitados para as despesas geraes, e dez pelo municipio. E' claro que este perdeu sessenta por cento, e não ficou servido.

De que servio o Poder a quem se submetteo ?

Ainda se o Poder fosse somente parasital Mas é despota tambem.

A perda do dinheiro não dóa tanto como a perda da liberdade.

Na Suissa, onde o povo fiscalisa a despesa publica, onde não se tolera outro poder que o popular, onde ninguem póde extraviar um vintem do erario, todos gosam da sua completa liberdade.

Cada Cantão vive no seio da sua soberania desde annos, ou desde seculos, e não consentiria que alguém lhe a menosprezasse.

Tem uma Dieta Federal; mas não é nenhum poder central, que o governe. Não o consentiria.

Manda a ella dous commissarios ou diplomatas a tratar da sua quota de interesses e de despesas, com instrucções já definidas, e com poderes *ad referendum*. A Dieta Federal Suissa não é uma assembléa legislativa, é em congresso internacional.

Não ha pois chefe de poder. O presidente da dieta, escolhido por ella, não tem um ceutil de poder. E' um empregado da confederação. Em relação com as côrtes estrangeiras participa á confederação ou á republica, a quem diz respeito, o que a todas, ou a esta interessa, e espera pela decisão para transmittir a resposta ao governo estrangeiro.

Eis aqui como um estado se governa a si sem poder central. Se tivesse um, não teria occupação a dar-lhe. O poder central é um artificio inutil de dominio na democracia popular.

Se a confederação não tem um poder central, ainda menos o tem as republicas de que é composta. Cantões ha cujo corpo legislativo é o proprio povo (Democracia pura), e outros ha em que elle é preenchido por tamanho numero de *conselheiros*, de eleição popular direc-

ta, que não ha interesse, nem classe, nem familia que não sejam representados. Se uma municipalidade nossa composta de sete ou oito individuos pode exercer uma tyrannia no municipio com leis odiosas; se outro tanto pode fazer uma assembléa provincial com a provincia, e a assembléa geral com o Imperio, não o pode fazer, por exemplo, o Gran Conselho do Cantão de Vaud composto de 200 legisladores, e cujas leis podem ser revogadas, ou emendadas pelos comicios populares, que nunca renunciam ao direito de se reunirem quando lhes apraz, e de fazerem elles mesmos suas leis.

Se a Suissa é bem governada, o deve á ausencia de qualquer poder central, e ao seu fraccionamento governativo entregue ao povo.

Uma confederação que tem menos de 2.500,000 habitantes é dividida em 22 cantões, e em 39 corporações politicas entre grandes e pequenas: a experiencia tem mostrado que nada perde pela sua subdivisão, e se o povo quizer, ninguem lhe embarga o subdividir-se ainda. Onde o povo é soberano, não ha acima d'elle quem lhe possa dizer:

« Tu és sujeito ao meu poder, e te prohibo da governar-te a tua guiza, e escapares á minha tutela ».

Ha vinculos, é certo, entre as republicas. Estão expressos no pacto federal.

Por este pacto, todos os membros da confederação se obrigam a respeitar o exercicio dos direitos politicos segundo as fórmulas republicanas, democraticas ou representativas, a liberdade dos cultos christãos, da imprensa, o direito de associação e de petição. Não é pois onus: é auxilio mutuo. Unidade contra a aggressão estrangeira, fraccionamento governativo em casa. O Cantão de Valais com 81,559 habitantes é fraccionado em 13 pequenas democracias: uma pequena republica cada 6274 habitantes!

O povo soberano da Suissa excedeo a todos os soberanos coroados em humanidade e previdencia, supprimindo a guerra intestina (a unica que lhe era dado impedir) creando um tribunal federal para decisão das contestações entre cantão e cantão, entre povo e povo.

Se esta inspiração humanitaria tivesse tentado o coração dos reis, não teriam sacrificado milhões de vidas,

e não teriam despejado no abysmo milhares de milhões em paga de uma pagina de *gloria* na historia para lisonja da vaidade sua, durante a vida, e depois da morte, fruida por seus descendentes. Ah! quando não se gasta nem o proprio sangue, nem o proprio dinheiro, pode-se ser prodigo de um e de outro.

E' tão vulgarisada e inabalavel a crença que uma republica livre e tranquilla é uma utopia, que julgamos prestar um serviço á publica opinião reconduzindo-a a contemplar a verdade historica na nobre e livre Confederação Suissa.

Um povo tem as instituições que lhe transmittiu o acaso da sua historia. E o acaso nunca lhe prepara o que lhe conviria. Elle recebe a herança, e quasi sempre a democratiza pouco a pouco. Neste trabalho vae mui lentamente: avança com grande esforço, e muitas vezes recua n'um dia e perde a conquista de um seculo pelo embate do absolutismo.

Mau systema é este de refórmãs. Quando se quer chegar á méta de descanso, vae-se de um vôo, e não se conquista o caminho palmo a palmo. E não ha povo que não possa chegar de um vôo. O mesmo povo russo; o povo o mais acostumado á servidão e ao knout; o povo o mais indolente, estacionario e preguiçoso do mundo, se se unisse n'uma só vontade e n'um só esforço, ficaria livre n'um dia.

Desde 1308 em que o povo do cantão de Ury na Suissa, revoltou-se contra a Austria, e tomou posse de suas instituições democraticas, todos os annos se reúne em comicios, faz suas leis, confirma ou nomeia seus magistrados, revê ou determina os actos de sua administração, em fim até hoje se governa a si, e é livre, e livre ficou n'um dia. Entretanto que o cantão de Soleure, que, annexado á confederação em 1481, poderia ter sido livre como o de Ury por um esforço de vontade, conservava ainda em 1841 o governo aristocratico!

Trezentos e sessenta annos de servidão e de lutas por esta tibieza irresoluta n'um momento decisivo, acobertada com o nome sério e decente de *politica prudente*.

Nós tambem temos *politicos prudentes*, democratas dedicados, amigos por demais do descanso, e que ao

trabalho de hoje preferem o de amanhã, ou do anno vindouro, e que nos dizem: «Devemos conquistar pouco a pouco nossas instituições livres: não se devem precipitar as reformas: devemos avançar com prudencia.»

Em quarenta e seis annos de marcha no caminho da democracia temos retrogradado, e ainda quereis que vamos pé ante pé! Que vantagem ha nessa marcha que os inimigos das liberdades populares tornam retrograda? Porque imitar o cantão de Soleure, e não de Ury?

Respondem os *prudentes*: «O povo estranha as grandes reformas. Se as lembrassemos, as havia de ter por imprudentes exagerações; por utopias; desconfiaria dellas; não saberia onde conduzem. Pequenas reformas são o progresso pé por pé; o povo vê onde o pausa. O vôo não é para o povo; é para nós, os homens illustrados.»

Entendes, povo! Estes teus amigos mais queridos, não te julgam um ente completamente racional que possas comprehender a necessidade de uma reforma repentina: te fazem a honra de te julgar no uso apenas da metade da tua razão.—E para seguir *piano piano*, caminho da democracia, dizem que vão pedir «descentralisação do poder; extincção do poder irresponsavel; temporariedade do senado; expansão da autonomia municipal; suffragio directo e generalisado; abolição da guarda nacional; separação da judicatura da policia; policia electiva, etc., etc.»

Se as ardentes e patrioticas manifestações dos redactores da *Opinião Liberal* da Côrte, da *Idéa Liberal* de Pernambuco, da *Democracia* de S. Paulo, e do *Correio Paulistano*, não os dessem a conhecer como gente tribunicia escolhida, de gorro phrygio e de bigode retorcido, haviamos de pensar que seus conselhos eram de inimigos disfarçados da Democracia que a empurravam n'um becco sem sahida.

Este programma tem um fim principal e quasi unico: a *independencia do voto nacional*—. E a quem vão pedir-a?—Ao proprio governo que quer vencer as eleições! Pois que as camaras legislativas feitas pelo governo, são o governo.

Têm elles fé no plano que apresentam? Pensamos

que não. E' um cavallo de Troia que vão offerecer ao governo para que o guarde durante uma noite. Desde o incendio da famosa *Ilion*, não ha mais papalvos que se deixem enganar com cavallos de pão recheiados.

Mas figuremos que alcancem o seu intento: de que serve desembaraçar das peias o voto eleitoral, se não ha vontade nacional? Parece isso um paradoxo, e entretanto é a pura verdade. O povo não faz planos de governança, nem os manda para a assembléa pelos seus representantes. E porque os idearia, se ninguem os attende? Attendidas as reformas democraticas dos quatro campeões que agora arvoram por bandeira o boné phrygio, ficaria desembaraçada a vontade dos partidos para se guerrearem á seu gosto, e quem triumpharia não seria essa vontade que não existe; seria a de um partido. Seria daquelle partido que usasse de maiores tretas, de maior corrupção e de maior violencia. E o povo? Em vez de ter um senhor só na Côrte, teria um segundo na capital da Provincia na pessoa de seu presidente, e um terceiro no seu municipio, no pessoal da sua Camara Municipal. Teria tres senhores por um, administrando-lhe sempre a mesma servidão. Nunca mandaria, obedeceria sempre. O partido vencedor faria pagar as despezas da guerra, que seriam tanto mais avultadas quanto tivesse sido disputada. E quem as pagaria? Quem sempre paga tudo: O povo que serve e obedece.

Valeria apena sollicitar reformas, que se fossem attendidas, lhe dariam tres senhores por um, augmentariam a desordem eleitoral e as custas? Não. O governo que continue a nos livrar deste augmento de misérias, arredando das urnas, pelo terror, como sempre, os seus adversarios, em quanto a nação não reforma ella mesma suas instituições.

Governe-se o povo, a si mesmo, e terá tudo o que quizer sem o pedir a ninguem.

O governo do povo pelo povo será o resultado final de todas as lutas; será a meta do descanso.

Emquanto despotismo e democracia se fizerem concessões reciprocas, se estarão enganando, e prolongarão o seu assalto d'esgrima. Não podem viver em frente um de outro estes dous esgrimidores. Um delles tem de desaparecer para sempre.

A Austria está fazendo concessões á autonomia húngara, as fará á autonomia dos Tchecos: são treguas entre a nacionalidade dos povos e a dynastia dos Asburgos; entre a democracia e o absolutismo; mas serão de pouca duração. E' preciso que desapareça a dynastia e o absolutismo, e desaparecerão.

Nenhum governo, mescla dos dous elementos, absoluto e democratico, pôde durar tranquillo. Se elle o é, repara: um dos dous elementos desapareceu: por isso não lutam mais. A monarchia absoluta vencedora ergueu-se sobre o cadaver da democracia official governativa.

Nós estamos nesse caso.

Agora a democracia vae pedir contas á monarchia: é provavel que entre as duas se empenhe outra luta: duello de morte.

Um povo não é tranquillo senão sob um governo de um elemento só. Ou o governo russo com seu povo acostumado ao regimen de knout, ou a democracia pura, como na Suissa, para aquelle povo que não se accomoda com aquelle regimen paternal.

Introduzi reformas democraticas n'um governo absoluto como o nosso, e retardareis a sua quésta, porque em quanto os dous elementos lutam, o governo vive.

Mas fallae aos democratas de supprimir esta luta estéril, e de proceder a uma reedificação do edificio social! Levantam o hombro e viram-vos as costas murmurando: utopia!

Não será por ventura utopia mandar que se espere das reformas a liberdade do voto, e que da liberdade do voto se esperem as reformas? Que ambas, feitas, immoveis, esperem soccorro uma da outra?

Não será utopia pedir ao poder absoluto entrada na sua governança á reformas democraticas que o hão de matar?

Não seria utopia pedir a um homem, por favor, que nos emprestasse uma corda dizendo-lhe que é para o enforcarmos?

O governo mixto de democracia e absolutismo é o peor e o mais desordeiro de todos. Que se o absolutismo fizer concessões á democracia, serão apparentes:

elle dá com a direita o que pretende tirar com a esquerda.

A concessão da representação nacional é uma dadiua dessas. Concedeu o voto popular, e o conquistou com a força, com a astucia, com a corrupção.

Não ha governo tranquille se não o livre. E como não o será, se não tem inimigos que o queiram sujeitar, e se respeita o direito alheio ?

A vida das republicas suissas compostas de democracia pura, tem corrido como um idillio, sem interesse para a historia. Se successos tem agitado algumas dellas, foi em outro tempo na conquista da sua independencia, ou na propria defesa. Nada eguala o seu actual socego, porque todas agora são livres. E todavia tem em seu seio um agitador incansavel. E' o catholicismo, que dominando os 2/5 da população, não deixa descanço ao protestantismo ; e foi o autor da guerra do *Sonderbund* em 1848.

Outra causa de discordia deveria ser a differença de origem e de linguas, que parece dever entreter rivalidades entre as suas republicas.

Mas tal cousa não se dá.

Os Suissos se consideram irmãos na liberdade. As nacionalidades, essas sebes com que os pastores de homens cercam seus rebanhos, não existem para elles : entendem que ha no mundo uma nacionalidade só, a humana ; e como não tem reis, não conhecem as rivalidades entre francez e allemão ou inglez, que tanto aproveitam ás testas coroadas.

Quatro raças e quatro linguas se repartem o seu territorio : allemã, franceza, italiana e roumena : e os que fallam essas diversas linguas são todos irmãos.

Se tem orgulho de uma nacionalidade, é dessa fundada pela sua liberdade. O amor a esta sua nacionalidade é á toda a prova.

Era o tempo em que surgia radiante d'esperanças a nacionalidade italiana : o seu rei ainda não a tinha desdourado de cobardia e de humiliação. Os 135 mil italianos que fazem parte da Confederação helvetica, foram convidados, como os tyroleses italianos e os illirios, a tomar assento no banquete dos povos que fallam a bella lingua de Dante. Todos aceitaram, menos

os Suíços. Diziam elles : « O vosso rei não nos dará mais liberdades do que essas de que gozamos. » Era o tempo das annexões. Antes a Italia se annexasse á Suíça ! Não teria soffrido os desdouros que lhe impoz seu rei, e seria agora tranquilla e feliz.

—Uma vez que o povo não póde obter sua liberdade pelas concessões, como a obterá ?

—Pela conquista. Uma revolução pelas armas é uma calamidade ; mas quem a deverá evitar ? A nação que se apresenta em campo munida de seu direito, ou o poder que não tem outro titulo que a força ? Quer o poder evitar a revolução ? Retire-se ; não resista ao seu soberano, o povo. O povo não combate senão quando acha resistencia.

Póde porém uma nação fazer uma revolução pacifica pelo accordo da nação toda n'uma só idéa, n'uma só vontade, n'um só programma.

Um dia uma nação accorda, todas as suas municipalidades reúnem seus comícios, fazem sua constituição e principiam a se governarem por si sem fazerem caso do governo official ; e todas ellas mantêm-se confederadas para a defeza commum. Que poderá fazer o governo official ? Nada. Eis feita a revolução pacifica.

As municipalidades, governando-se a si, guardam em seus cofres as contribuições : o dinheiro é o primeiro alimento indispensavel de todo o governo, e de todo o poder ; mata-se governo e poder em pouco tempo deixando-se-lh'o faltar.

Mas para obter do povo unidade de idéa e de vontade, é preciso uma discussão publica e ampla do programma : e para obter unidade de acção, é preciso que todo o imperio fórme uma só sociedade popular dividida em tantas secções quantas localidades.

Qual será então o poder tão ousado que atacará a nação inteira entrincheirada na sua força de resistencia ?

Como já ninguem contesta a soberania popular, não se lhe póde contestar o direito de discutir e escolher novas instituições e de adoptal-as. Toda a acção do poder contra o exercicio desta soberania, faria delle um conspirador e um revolucionario de ser posto fora da lei pela nação soberana.

Mas se a nação não fosse unida n'uma idéa e na sua acção, o poder, na forma do seu costume, atacaria os patriotas aos magotes, e diria: «Eis os discolos perturbadores da ordem publica»... e nós sabemos o resto.

Mas o poder também é parte da nação: tem os mesmos direitos de todos os cidadãos, bem que não deva ter mais garantias do que elles. Deve defender-se, tomar parte na discussão, e se a razão estiver com elle a nação o acompanhará como propheta. Mas suas armas não devem ser a astucia, a conspiração do carbonario nas trevas, não devem ser a força dos quartéis, como revolucionario privilegiado e preparado de antemão.

E mostrará sel-o, se á discussão franca e leal responder com o silencio, e mandar amordaçar a imprensa e dissolver as reuniões populares. Isso não seria mais pleito, seria banditismo.

Quando o poder despedaça a tribuna e dissolve o parlamento da nação na praça, já rompeu na revolução: ou elle, ou a nação soberana. Se elle vencer, á sua victoria será apenas uma tregoa que lhe prolongará por pouco o dominio. As nações não morrem no campo de batalha, e uma só victoria basta para triumphar a perpetuidade do despotismo e do poder. E uma vez vence infallivelmente.

A Suissa é um viveiro de republicas modelos compostas de dous elementos: democracia e ordem.

Nestas perturbações politicas d'Europa, chega-vos por ventura aos ouvidos o rumor da Suissa?

Quem quizer fundar uma republica, póde pedir aquella confederação uma de suas trinta e uma constituições; qualquer dellas serve.

Mas nenhuma de suas republicas, quando se constituiu, pediu emprestada á vizinha a sua constituição para lhe tirar o molde. Foi modificando e ageitando suas leis municipaes ou feudaes ás suas necessidades, até servirem. E serviram sómente as democraticas. Prova esta da sua excellencia.

Se nós tivéssemos de transformar nossas instituições monarchicas em republicanas, procederíamos menos ajuizadamente, se escolhessemos a constituição de uma

das republicas suissas. Vestiriamos talvez de roupa forrada de pelleterias quem está nos calores tropicaes. Deveriamos fundar sobre o alicerce do nosso estado actual um edificio de instituições democraticas ordeiras e duradouras.

Assim : *A união faz a força*, e nós não estamos em tempo de nos fraccionar se quizermos ser respeitados. Se uma nação *justa* não precisa de força para aggre-dir, póde precisar della para se defender. Unidade pois do *Imperio democratico*.

Temos uniformidade de pezos e medidas, de moéda, de codigo civil e criminal. Guardemol-a. Se os codigos não forem de completo agrado de uma de suas fracções politicas, reformal-os-ha, ella mesma, nas partes que lhe convier. E' direito soberano do povo. Não ha poder acima desta fracção, que lhe o possa prohibir. Cada um em sua casa deve ser soberano. Na Suissa é assim tambem.

Temos uma divisão administrativa de 22 provincias. Esta divisão foi reclamada pelos interesses communs aos povos do mesmo territorio. Conserve-se a divisão, e seja cada provincia uma republica soberana e independente; mas sejam todas unidas não só para manter a sua força, como já dissemos, mas por ser o brasileiro um povo de uma origem só, fallando uma só lingua, tendo uma só religião, uma indole commum, bem que costumes varios que lhe tem dado o seu genero de vida, vario tambem segundo a natureza em cujo seio vive.

Os interesses unem, ou separam as unidades administrativas de uma nação. Cada unidade ou localidade, que sente suas necessidades, é o unico juiz competente da sua divisão territorial.

O fraccionamento que seria um embaraço para um poder central governativo, é uma condição indispensavel da democracia.

Quanto ao direito de um povo governar-se á sua guisa, cremos que ninguem o contestará, para[que tenhamos o trabalho de o provar.

Será preciso contestar o direito de os chefes de poder governarem os povos? Tambem cremos que não. Quem defenderia agora o direito da França sobre o Mexico, a Cochinchina, a Argelia ou Roma? Ninguem. Está evi-

dentemente nas bayonetas. Se a soberania popular é a somma das soberanias individuaes, uma só familia, um só individuo pôde ser livre e independente como uma republica, com a obrigação apenas de prestar á sociedade o mesmo auxilio que della recebe.

Assim se um proprietario de terras situado na fronteira de um municipio quizer desprender-se delle para pertencer a outro contiguo, o pôde fazer, porque elle e suas terras são sua propriedade e não de municipio algum. Só deve-lhe o que delle recebe: respeito ao direito de todos, e a quota que este respeito custa.

Nós, acostumados a autoridade, e a sermos mandados, se nos tocasse a vez de recuperarmos a liberdade a que temos direito, talvez receiassemos tomarmos tanta, e ficaríamos embaraçados de acharmo-nos completamente senhores de nós mesmos. O passarinho que se solta depois de longo captiveiro, quasi que não sabe o que ha de fazer da sua liberdade; mas em poucos dias volta ao estado primitivo para o qual a natureza o criou. O mesmo nos aconteceria; e ai de nós se não tomássemos logo toda a liberdade que nos pertence. A que deixássemos, acharia logo um senhor, que não só nol-a negaria quando a reclamássemos; mas que tentaria de tomar-nos a que nós levamos. Nem de outro modo procederam sempre os pastores do genro humano. E a reclamariamos logo, porque a liberdade não socega em quanto não se completa.

—O imperio tem uma divida externa e interna contrahida por cada cidadão em quota igual de vantagens, que suppõe ter aproveitado. Deve ser repartida entre as municipalidades em proporção da sua população.

Os cidadãos brasileiros de toda a confederação devem gozar das garantias de uma liberdade completa, tanto civil como politica e religiosa. Na Suissa o pacto federal as garante.

—Onde está o homem está a rixa: se a rixa é individual, os tribunaes ordinarios a decidem; se é collectiva, de republica a republica, de povo com povo da mesma republica, de povo com magistrados, a deve decidir um *Tribunal federal* como na Suissa.

—A causa de anarchia de todos os paizes monarchicos ou republicanos, é o Poder.

O povo se revolta para derrubar a monarchia ou a dictadura porque lhe pesa.

Os ambiciosos se disputam por meio de revoluções continuas o poder transmissivel. Isso é de agora, e foi de todos os tempos. Supprima-se este malfadado poder, deite-se no abysmo esse pomo de discordia que a todo o povo pesa nos hombros como fardo de chumbo; mas que todos os ambiciosos querem em sua mão como ouro, e todas as guerras civis e sociaes pararão como por encanto. Emquanto á um cargo da republica fôr annexo o poder, isto é o arbitrio, por minimo que seja, todos os ambiciosos se atirarão a elle.

Se nas republicas hispano-americanas o presidente não tivesse o minimo poder; se fosse apenas um presidente do corpo legislativo, como um Landmann do Grande Conselho de um Cantão suisso, vos parece que cabos de partido e povos se armariam em guerra para lhe disputarem o posto? Certo que não.

—A ambição é innata no homem; não se póde eliminar da sua natureza. Aproveitem-na em beneficio da republica em vez de deixarem-na perpetrar maleficios contra ella.

O povo suisso não é de outra raça que a humana. O cidadão suisso tambem tem sua ambição... de figurar entre os maioraes do seu Cantão; de fazer parte do grande conselho; e na impossibilidade de alcançar o seu posto pelas tricas, ou pela violencia, esforça-se em ganhá-lo prestando serviços á republica. É esta o seu soberano, elle é seu cortesão.

Eis uma ambição ennobrecida e bem aproveitada, tão nobre como o póde ser uma ambição; tão util quanto aproveitar se póde uma paixão humana, e de fórma nenhuma nociva.

Póde haver n'um povo conflicto de principios; mas a sua guerra é de idéas e de palavras. São estas sua metralha e suas balas, e vencedora é a razão. Desta guerra não vem mal á republica.

Mas se o conflicto é de ambições... nós vemos o Mexico.

Acabe-se com o poder individual, e esta guerra anarchica se tornará impossivel.

E' preciso, para que a soberania popular seja uma realidade, que todo o cidadão tenha palavra e voto no capitulo da republica, que tenha o direito de propôr directa ou indirectamente as leis que julgar uteis á sua comunidade: é preciso que estas propostas sejam discutidas pela imprensa a expensas da republica; unico modo este de formar a publica opinião, que ha de madura e reflectidamente aceitar-a, ou recusar-a, ou modificar-a; é preciso que esta opinião seja manifestada pelos comicios populares (como nos Cantões Suissos regidos pela democracia pura), ou por um numero avultadissimo de maioraes escolhidos pelo povo, que represente os comicios, e o povo todo nos seus interesses, nas suas classes, nas suas familias, e que seja sempre livre aos representados de apparecerem em scena a revogar, emendar, ou á fazer suas leis se bem lhe aprouver.

Na Suissa ha republica, onde certo numero de cidadãos pertencentes a diversas familias, podem em virtude da Constituição, mandar convocar os comicios populares para o povo exercer directamente sua soberania.

—A transição da nossa forma de governo para esse ideal encontrará a opposição de toda a phalange que do poder tira vida commoda, honras e mando; isto é, da realza, da côrte e dos mesmos partidos politicos ao serviço daquella; mas a vontade nacional compacta triumpharia pela sua unica força moral. Estando ella unida n'uma só vontade e n'uma só acção, o poder que a quizesse deter teria tanta força e tanto juizo como aquelle cachorrinho que queria deter o curse de um carro, puchando com os dentinhos uma corda que o carro ia arastando.

—Um artificio tambem com que esses interessados costumam perturbar a ascensão da democracia em governo, é confundir as idéas do povo ácerca della, e calunial-a.

Quando se falla em republica, logo vos apontam a anarchia do Mexico e das republicas da lingua hespanhola, ou a tyrannia cruel do Paraguay, ou as commoções populares da grande republica americana.

Todas estas republicas (menos a ultima) não tem de republica se não o nome. O poder dos presidentes é uma verdadeira realza absoluta temporaria. Os Estados-Unidos mesmos têm em si muito do elemento absolutista que causa suas perturbações.

Seria fóra de proposito occuparmo-nos agora destes assumptos.

Só diremos; o poder absoluto e seus convivas vos apontam aquelles ensaios falhados de republicas. Por que não vos apontam as republicas Suissas e a sua confederação ?

* * *

DIALOGO

CESAR E PERICLES, PASSEANDO

CES.—Como queres, Pericles, que se entregue o governo ao povo estúpido, se elle nunca scube o que é governo ?

PER.—E porque razão o não ensinas ?

CES.—Esta sciencia não é para qualpuer, nem para um povo todo.

PER.—Assim, por ignorante, terá de estar toda a vida sob a tua tutela e dos da tua raça !

CES.—Minha não; nem dos meus; mas sob a tutela do *Estado*.

PER.—Ainda temos Estado no seculo XIX? Pensei que depois da morte de Luiz XIV (que era o *Estado* do seu tempo), o povo tinha arrecadado esta sua propriedade.

CES.—O Estado é a gente que figura á testa da governança e não o povo.

PER.—Sim, são os privilegiados, os tutores deste menino que nunca chega á maioridade.

CES.—E que culpa tem disso os homens do governo ? Quererás que se entregue o governo a quem não sabe, para anarchisar o mundo ?

PER.—Cesar, deixa uma vez para sempre de repetir estas eternas parvoices inventadas pelo despotismo, e a que todos os nescios, com fumaças de sabios e com preguiça de pensar, dão um curso forçado. Dizer que um povo precisa de aprender a governar-se, é o mesmo que dizer que precisa de aprender a mastigar e a en-

gular para que não se engasgue, e que enquanto não é ensinado, deve-se-lhe dar a mamar sómente. Ha mais charlatanismo em politica do que no espiritismo. Ainda o genero humano não sabia soletrar o *a b c*, e já as sociedades se governavam admiravelmente. A fóra poucos povos adoutrinados, a maior parte do genero humano ainda é analfabeta, e se governa. Cada povo sabe governar-se segundo a sua illustração: a tribu como tribu, o homem illustrado como illustrado. Os 24 consules pastores da republica de Andorra, e os 60 senadores pedreiros e camponezes da republica de S. Marino, que nunca aprenderam a governar, governam melhor do que Metternic, Guizot ou Napoleão III. Ninguem teve mais tino politico governativo do que os mercadores da Republica de Veneza. E onde aprenderam a arte difficil de governar?

CES.—São sempre os mais illustrados que governam os menos illustrados.

PER.—E a tribu onde todos são igualmente broncos? E as republicas suissas em que o povo se governa por comicios? Queres que o povo seja illustrado para dar-lhe carta d'emancipação, e o deixas na ignorancia?! Máo pretexto de tutor mal intencionado. O povo não precisa da tua illustração para governar-se. Um analfabeto governa melhor a sua casa do que lhe a governaria o rei. Para desgovernar é que se precisa d'estudos e de grandes homens. A França precisou de um Polignac para excitar o povo á revolução de 1830; precisou de um Guizot e de um Thiers para provocar a de 1848; precisou de um Napoleão III para a empreza do Mexico e para fundar a grande calamidade dos exercitos permanentes. Sem estes grandes homens não teriamos tido tantas guerras, em que a força e a destruição fazem desaparecer o direito, e matam o povo pela metralha e pela miseria. Sem Napoleão I não teriamos tido as guerras do Imperio, sem Metternic não teria havido oppressão de todos os povos sujeitos ao jugo da Austria; e suas consecutivas revoluções; enfim sem os grandes homens que estudaram, não se teriam enchido as paginas da historia, e os annaes da humanidade teriam ficado reduzidos a poucas palavras. Sem estes grandes politicos que teem precipitado os povos nas revoluções e

nas guerras, não se fariam ellas dado, porque o povo, que paga umas e outras com o seu sangue e o seu dinheiro, não as quer.

CES. — Mas se elle não se occupa do seu governo por incapacidade, e outros teem de governal-o, antes sejam os sabios do que os ignorantes.

PER. — Outra necedade a curso forçado; passada pelos sabios sem meios. Como queres que tratô de governar-se, se seu tutor, o poder, rodeado de sabios, lhe o prohibe severamente? Se no momento em que despedisse o seu tutor e se dêsse por emancipado, este o mandaria metralhar? Conservas preso o passarinho porque d'zas que não pôde vôar por esses ares preso como está! Será isso escarneo, ou necedade? Solta-o, e verás se sabe ou não vôar. Entrega o povo á sua liberdade, e verás se sabe ou não usar della.

CES. — Os povos meio barbaros que não precisam de um governo complicado, poderão governarem-se; mas os civilizados, não.

PER. — De que lhes serve então a civilização? Para ficar atraz em liberdade e em pratica da vida dos povos selvagens? Calumnias a civilização para sustentar um paradoxo! Bem civilizado é o povo Suisso, e é livre. Mas entre a civilização e a liberdade não poderia haver duvida na escolha. Antes meio barbaro do que escravo illustrado. Depois, a civilização é bem a consequencia da liberdade: o homem tem necessidade de viver tranquillo, ao abrigo das represalias, no amor e na estima de seus concidadãos, e portanto de ser civilizado; e quando não o fosse, que a importaria a sua barbaria se elle só a soffreria? Quem te fez curador da humanidade que dizes mentecapta ou orphã?

CES. — E' preciso tambem que uma sociedade, se não fôr illustrada, seja ao menos virtuosa para viver em republica.

PER. — Outra banalidade sem reflexão. Nunca em Roma houve raça mais cheia de virtudes civicas como sob a republica, e de mais corrupção do que sob o imperio. O mesmo aconteceu nas outras republicas antigas. As instituições republicanas dão as grandes virtudes. Mas se é como dizes, a culpa é dos teus

Educais ha tantos seculos o mundo com a tyrannia, e o homem é cada vez peor ! Isso não abona a educação que lhes dais : é preciso tentar outra : a do povo suiso, que se distingue pelas suas virtudes.

CES.—O povo suiso é uma excepção á regra. E' pequeno e pobre.

PER.—Não me dirás porque um povo pequeno e pobre é necessariamente ordeiro e virtuoso ? Será porque quem tem fome não tem vicios, ou porque a fome amança ? Menor e mais pobre do que o povo Suiso é o Grego, e nenhum mais turbolento do que elle ; mas é constituçional. Parece pois que a tua explicação é testemunha, que prova o contrario do que allegas.

CES.—Seja como quizeres, as tuas reformas não tem lugar no estado actual das nossas sociedades, porque os povos de ha muito acostumados ao jugo governativo, cahiriam n'anarchia se se lhes dêsse a liberdade.

PER.—Já fizeste a experiencia de dar a liberdade a um povo conservado ha muito tempo na servidão ?

CES.—Ahi está, entre outros, o Mexico, anarchisado por não ter sido educado préviamente para a liberdade.

PER.—Outra needade que tem curso no mundo. Attribues á democracia as culpas do despotismo, O povo não precisa de educação para gosar da liberdade. Nasce com com ella, e usa della como de attributo natural. Elle precisa, sim, que lhe a deixem toda inteira, e que os caudilhos militares, que são da raça dos ambiciosos e dos Cesares, não lhe a tirem para s'a disputarem. Esses caudilhos, únicos anarchistas naquella e outras republicas, fallam como tú : dizem que vão empunhar a dictadura para salvar o paiz da anarchia. Em conclusão : ninguem mais ordeiro do que um povo livre : para se o arranca até a ultima hervinha da ambição ; e sem ambiciosos o paiz vive em paz. Ninguem mais sabio do que um povo livre. Vê, se o suiso precisa dos teus grandes homens d'Estado para modificar de cem maneiras differentes suas instituições segundo suas necessidades locaes e geraes ! Tem trinta e uma constituições ; e nesse admiravel cortiço tu vêes aninhada a população do pastor com a sua constituição, a do lavrador com outra, a do artesão com outra, e até a do sybarita com os costumes do Pabylonense de Pariz

e de Londres. E todos vivem juntos, em paz e todos são felizes. Não ha grande homem d'Estado que tenha a sapencia de uma nação, desta collecção de cidadãos interessados pela prosperidade do seu paiz e do seu lar, e que contribuem para esse fim com a sua intelligencia.

CES.—Mas as republicas são facilmente submettidas...

PER.—Por um Cesar... Não? E por isso submettam-se logo, ou não se constituam. Pois olhe, Cesar, ellas também podem ter vida tão longa como os Imperios. As primeiras republicas suissas tem mais de cinco seculos e meio de existencia, e estão na sua juventude. A Republica romana durou perto de cinco seculos, e se não fosse a batalha de *Actium* (tambem o sabes) que a esmagou, as suas instituições, visceras robustas e sãs, lhe consentiriam muito mais longa existencia. A duração de uma republica depende da sua tranquillidade intestina, e da sua força que faz respeitar a sua independencia. Está em suas mãos quasi sempre. Por pouco que saiba conservar a sua vida, vale a pena viver esse pouco.

Eu já vi um menino—rei sobre cujo berço velava uma nação. Uns diziam:

«Deite na roda dos engeitados este fedelho! Boa asneira estar creando um rei nosso senhor. Se sahir bom teremos de ser seus servos, e se sahir máu, teremos nelle um verdugo. Em todo o caso boa fortuna na verdade!»

Respondiam outros:

«O pae deste menino, ao despedir-se de nós, o deixou entregue á nossa generosidade e lealdade. Se vermos-nos livres d'elle é uma necessidade, outros que não receberam este legado a satisfirão.» E o menino ficou, e creou-se.

Ao redor deste futuro rei ádejavam negras sombras de bonzos. São como os lobos, que farejam a presa que convém á sua ordem. Um d'elles sentou-se á cabeceira da creança, e não a largou, se não depois de educada na doutrina de Çakia-Mouni. Bom crente, obediente ao seu director espirital, foi o menino uma grande con-

quista para o sacerdócio: pois empregou todo o seu poder em mandar invadir o seu paiz pelos descendentes de Xaca, e em entregar-lhe a educação da mocidade para que fôsse creada, ella e a sua descendencia, na lei unica divina de Bóuddah, authenticada pela fé de todos os seus crentes.

Mercê esta boa educação do principe, a ordem do *Dalai Lama* faz fortuna. Já conta não menos de tres cidades mysticas onde o povo trabalha para a Ordem, e onde poucas consciencias ainda lhe estão insubordinadas. Em toda a parte os obreiros do Senhor sabem fazer render a sua vinha. Se Jupiter e a sua corte tivessem tido principes desses, não teriam cahido tão cedo do Olympo.

O menino; não acalentado pelo amor dos paes, entregue a cuidados mercenarios, não nutriu amor de familia no coração, fonte de todo o amor na vida. Creou-se pois sem amor, nem amizade por ninguem; taciturno e desconfiado como um Felippe II de Castella.

Era ainda creança, com apenas 12 annos, e assistia a um ceremonia religiosa com suas duas irmãs. Uma taça d'agua ia circular, da qual cada circumstante devia beber um gole. Foi-lhe offerecida primeiro: elle sorveu o seu gole; mas o guardou na boca, até que suas irmãs engulissem o seu. Então elle tambem o tragou! Podia ser veneno se fosse para elle só beber!

Não teve infancia, nem os sorrisos della: o seu coração sempre foi uma urna fechada pela dissimulação.

Adolescente, um partido impaciente de governar, o convidou a subir os degrãos do throno para acompanhal-o; e perguntou-lhe se queria ser rei. Respondeo: —Quero, e já.—Foi a unica vez em que a dissimulação se calou. A ambição tomou-lhe a dianteira na resposta.

Desde então este adolescente que já não se sorria, carregou o sobrolho, e tornou-se velho.

Pupillo na vespera, tornou-se tutor de seus tutores, e estes ficaram sendo crianças a quem deu a mão a beijar. A deo aos velhos que o educaram, ás matronas que o criaram, ás gentis donzellas que lhe sorriam, e a quem virava as costas. Não era ainda homem para ellas, e era um Nestor para a nação, que o criara. Muito vale ser de raça de rei!

Era menino quando deo a beijar a mão aos que se lhe approximavam... Os meninos podem desconhecer o respeito devido á dignidade do homem; quando a educação lhes ensinou o desrespeito. Mas o menino agora é homem, e ignorará ainda que o beija mão é um resto de vassalagem da idade media? que todo o homem polido, inclusive o grande desposta, o imperador da Russia, esse Lopez do Continente europeu que manda torturar e matar no patibulo, ou nos tormentos da tortura e do Knout os seus subditos, não consente que o homem que se lhe apresenta passe pela humiliação do beija-mão? e que não o consenta, não tanto por respeito a esse homem, como por respeito a si mesmo, e ao seu caracter de cavalheiro polido?

Não saberá que se se beija ainda a mão da Rainha d'Hespanha, é por ser mulher?

Não saberá que esta repugnancia de muitos se submeterem a este acto, é uma revolta natural da dignidade do homem contra um aviltamento; e que se a pluralidade faz calar esta dignidade, é em deferencia á realza e ao costume estabelecido por ella?

Não saberá que o seu paiz, que tem fama de livre, é o *unico* civilisado no mundo, onde um homem *cidadão* beija a mão a outro homem rei?

Não saberá que a *dignidade* do principe está na nobreza de suas acções e não nos actos de humiliação impostos aos cidadãos?

A este rei ainda ninguem surprehendeu um sorriso.

Elle não deve ser da raça dos que se riem. Um filho do sol e neto da lua, um rei por graça de Deus não deve ser sujeito ás miserias das emoções da humanidade. Por isso, se uma risada lhe assoma ás faces, a retém como uma necessidade importuna da annu alidade, a que seria indecoroso dar desafogo na presença de circumstantes. Retira-se, e volta depois de desafogada.

E' nisso que se conhece a *mggestade*. Ninguem o verá passar pelo seu povo sem os distinctivos da realza.

Um rei de chapéo de sol por baixo do braço! Só este rei plebeu de Luiz Philippe. Reis a passearem, confundidos no meio de seu povo, principes *acanalhados* com chapéo de palha na cabeça, de paletot, a pé e sem

sequito como qualquer mortal ! Só na Europa onde a democracia chegou a forçar os mesmos reposteiros da realza, é a descobrir os homens sob os trajos lentijolados dos principes. Um semi-Deus não deve rir-se, nem andar de chapéo do chile como o defunto e infeliz Maximiliano, que foi fuzilado por acanalhar-se com o povo mexicano.

Mas um dia, o ex-pupillo do povo quasi que se riu. Ao menos a sua fronte desanhuviou-se, e um raio de alegria a illuminou.

Foi quando um menestrel pegou na harpa, e lhe soltou ao ouvido harmonias e coplas, que lhe diziam que devia governar só.

A chronica não diz, se confôrme os costumes feudaes, mandou o rei deitar vinho na taça, em signal de satisfação, ao lisongeito menestrel: diz porém que mandou dependurar-lhe ao peito a cruz dos seus validos de segunda classe. Que honraria !

E os cortezãos ficaram sabendo como se ganham as graças do Rei.

Desde então reina só ! Já disse não faz mysterio: nomeia e demitte seus ministros. Se a vontade popular resiste á vontade real, elle cala-se, vira as costas e não vê os ministros forcarem esta vontade: não ouve as lamentações, as supplicas, as maldições que se levantam de lá debaixo.... na praça. Não vê a revolução que se faz por ordem destes ministros em cumprimento da vontade real.

Tem a impassibilidade, e a insensibilidade de um cadaver, como os jesuitas os sabem fazer. Se tivesse de soltar uma palavra, a unica que conviria na occasião, seria esta: *A vontade popular sou eu !*

Todas as crengas tem seus jesuitas cumplices com a realza na submissão dos povos.

A ordem dos jesuitas reina com Soror Patrocínio e Isabel na Hespanha: com Eugenia e Napoleão III na França; e com o ex-pupillo da nação.... na Cochinchina.

No alto do portão de nosso edificio politico está escripto, em grandes letras a palavra—*Liberdade*.—Este cartaz é a nossa *Constituição*.

Entre o leitor no edificio, misture-se com os cidadãos da republica, assista aos negocios publicos, e reconhecerá que o cartaz—*Liberdade*—tem o sentido trocado. Para corresponder á realidade, deveria dizer—*Servidão*.

A Constituição diz, que nem o Imperador póde tocar na liberdade politica e civil do cidadão, que são inviolavejs. E quereis ver a sua inviolabilidade em acção?

Uma noite um malandro, um facinora escapado por milagre á calceta, arromba a porta de um cidadão honrado, entra-lhe por casa, arrasta-o do seio da sua familia, encorrenta-o, e o manda a pé, debaixo de forte escolta, para um matadouro, donde ninguem volta, e que se chama, por ora, Paraguay.

Sua mulher fica ao desamparo, e Deus sabe o que terá de fazer para viver; e seus filhos serão talvez sustentados pela caridade publica. Eis a sorte deste cidadão e da sua descendencia á mercê de um facinora, sem que a Constituição, nem o Codigo criminal intervenham a dar-lhe, contra o malvado, a minima protecção.

Será preciso que vos explique o enigma; esse successo de todos os dias, que se apresenta apenas com algumas variantes e que ninguem ousa contestar?

O facinora é um cacetista que tem sua serventia em ajudar pela violencia as eleições de um partido, e que por isso o partido protege. São tantas as violencias perpetradas por elle, que sem aquella protecção andaria de calceta ao pé.

Na occasião da ascensão do seu partido ao poder foi lembrado para Inspector de quarteirão como capaz de impôr pelo terror uma chapa aos recalçitrantes.

O individuo recrutado é um desses, e ainda em cima entusiasta do partido opposto, e serviu de testemunha uma vez contra o tal facinora n'uma de suas proezas.

—Um facinora autoridade policial?—Não é facinora, diz o partido, não péza sobre elle uma condemnação.

—Não podia entrar de noite n'uma casa, nem fazer o que fez.—Não conhecia bem a lei, responde o partido: será todavia admoestado.

O recrutado não estava no caso de o ser—Se lhe fará

justiça, responde o partido—Entretanto lá foi o homem, e ninguém sabe mais d'elle.

—E o malandro do recrutador, perguntais vós, porque não o mandaram também pelo caminho por que foi a sua victima; e não livraram da sua perigosa pessoa a sociedade?—Oh! este malandro é inviolavel—Tem a protecção do Poder legalmente constituido. E' seu *mashorquero*, entendeis? Póde fazer o que quizer. Mashorquero, sim, porque o partido, uma vez no poder, tem sua mashorca com autorisação Superior, para tudo quanto é preciso para vencer as eleições.

Vede, por exemplo, na quadra actual. Que de violencias não se tem perpetrado em todo o Imperio para vencer as eleições!! Um juiz de paz mais votado, um dos representantes da soberania nacional agonisante, sobre quem se accumulou o respeito e o amor dos concidadãos do seu districto, ex-delegado de policia é procurado pelos mashorqueros; e se refugia na casa do primeiro magistrado do lugar, que o colloca sob a protecção da lei feita de proposito para amparar o cidadão contra as violencias possiveis do poder executivo. E' arrancado da casa do proprio juiz pela mashorca, é algemado como um facinora, e remettido a pé para uma cadeia a distancia de legoas, posto n'uma enxovia com os criminosos, dos quaes talvez elle já fosse juiz, para recrutar a suprema autoridade da provincia, que não póte negar o facto, diz que se *houver por onde*, mandará responsabilisar o auctor do attentado, e nega entretanto ao juiz a facultade de cobrir com a egide da lei as victimas da violencia do Poder. O presidente da provincia proferiu pois a sua sentença; a culpabilidade do mashorquero é duvidosa; mas a do juiz é certa. Assim decidia também Rosas em Buenos-Ayres em casos identicos; mas Rosas não se disfarçava sob uma casaca verde bordada; vestia a jaqueta encarnada de mashorquero e se declarava chefe da mashorca. Faça outro tanto o nobre presidente de Pernambuco, e não discuta direito sob essa farda, que também ninguém lhe o contestará. Vista a jaqueta encarnada, e espere a represalia de uma outra mashorca de jaqueta azul, quando ella subir pela sua vez ao poder.

Tempo houve em que uma arbitrariedade, ou uma de-

missão por motivo eleitoral, era uma vergonha estigmatizada, que dava trabalho a defender-se, e que se absolvía com muita agua benta.

A força de se multiplicarem os casos, já nem ha mais tempo de se contarem, quanto mais de se estigmatizam. Tornaram-se um costume para os partidos, que irá cada vez mais *crescendo*, como tem ido até agora, em enquanto o legitimo poder da nação não pozer cobro a esta anarchia.

Não ha violencia que não seja permittida aos agentes eleitoraes do poder, desde a vingança privada até a violencia necessaria para vencer eleição. O partidista vencedor no dia do triumpho procura o seu adversario, invade-lhe a casa, o desafia, o insulta, o fere, o mata impunemente. Os mashorqueiros do partido triumphante cercam armados a igreja, a povoação, todo o caminho que conduz á urna, e prendem, espancam, ferem, matam os votantes contrarios.

E estas violencias augmentam todos annos. Neste andar ainda veremos um partido degollar os votantes do partido opposto, se fôr preciso.

Já o instincto da conservação aconselha a abstenção do voto aos vencidos. E' bom que comprehendam que não se resiste ao Poder que manda *de lá de cima*. Os mais sagazes já o comprehendem e acompanham pelas ruas com seus *vivas*, todo o partido chamado pela graça d' *El Supremo*.

Entretanto a sociedade está sob o dominio do terror. A justiça está em muitos lugares nas mãos de facinoras, de assassinos, de réos de policia. Os que têm inimigos entre o partido vencedor, não sabem como occultarem-se. Já nenhum delles se julga seguro e fóra do alcance da mashorca dominante. O poder supremo tem sob o seu arbitrio todos os cidadãos: não ha posição social, não ha character, não ha illustração, não ha cidadão emfim, que não esteja sob a mão de ferro do arbitrio, pelo recrutamento, pela tyrannia da guarda nacional, pela demissão do emprego publico de que vive, pelos processos caseiros, pela violencia dos mashorqueiros.

E o povo é calmo, resignado, supporta tudo.

Este povo e este governo são uma anomalia entre as nações. Dizem que algures os povos são anarchistas, e que o governo é o ordeiro que os faz entrar na boa ordem. Aqui é o contrario. Vemos povo ordeiro e governo anarchizador. O povo resiste á anarchia do governo com o contendo da ordem mais rigorosa. Que seria de nós, se os cidadãos violentados em seus direitos, repellissem a violencia com a força, e se os governados fossem um por todos e todos por um, contra os assaltos do poder?

Que instituições são essas que dividem a porção mais illustrada e nobre da população em duas phalanges inimigas, ou partidos, fóra das quaes não ha para o cidadão nem consideração, nem amparo, nem nobreza, e que as atira uma contra outra com licença para todos os excessos!

Que dão á phalange vencedora um direito de conquista e de saque sobre os inimigos e sobre a nação, como recompensa da victoria?

Que sujeita a nação a estas calamidades periodicas da ascensão de um partido?

Que concede a cada bandeira, como uma necessidade, que é, um direito de mashorca para alcançar a victoria, e colher os proveitos della?

Que pelo caminho, e em companhia da politica, introduz a corrupção na vida publica e privada do cidadão?

Estas instituições são o desenho de uma alta intelligencia com que ella mantem em perpetua servidão os povos. Os partidos são seus agentes, sem o suspeitarem, e são os carcereiros que agrilhoam os povos aos pés della, que do alto do seu poder olha para carcereiros e presos, e diz com sigo desdenhosa! «Plebe, que é da tua soberania?»

Est' intelligencia é a Realeza constitucional; seu traçado é a representação nacional. Ella o fez n'um dia em que o povo irado lhe pedia ameaçador as suas liberdades. Deo-lhe este papel promissorio, em que uma clausula que concede, é revogada pelo arbitrio legal que ella se reservou.

Dizem que *Nicoló Machiavello* foi o mais fino dos politicos. Poderia ser discipulo de quem inventou o regimen representativo.

O rei chama a si a parte mais illustrada da nação, e a interessa na perpetuidade do seu dominio sobre o povo, repartindo com ella honras, arbitrio e riquezas e para não receber a lei desta nata da nação, olygarchia que poderia dominal-o, divide este exercito em dous campos inimigos, e dá a victoria aquelle dos dous que lhes presta obediencia cega, ou que lhe convém. Assim os tem ambos sujeitos: um pela munificencia, outro pela esperanza della.

—Mas sobre qual consciencia recahem os tantos crimes dos partidos, necessarios á sua exaltação e á sua conservação? Sobre a consciencia da Realeza que ideou e que mantem estas instituições? Não: a Realeza é infallivel, impeccavel; assim dizem os jesuitas: estes crimes recahem sobre a consciencia da *Politica*, como os dos jesuitas recahem sobre a consciencia da *Ordem*.

Machiavello não sabia casuistica: se a soubesse, teria dado um lugar no seu *Principe* á Monarchia Constitucional representativa.

A historia de um reinado é uma epopea de acertos e de erros da realeza. Estes custam muitas vezes a vida de milhares e milhares de homens, a fortuna, a honra e a liberdade dos povos. Tal foi o reinado de Napoleão I.

A ambição da grandeza e do poder, a inepecia e o validismo, vicios que não affectam as democracias, teem feito a desgraça das nações.

Entretanto qual será o acerto que lembrará á sabedoria de um principe e que escapará á sabedoria de uma nação?

Longo e superfluo seria provar estas proposições, compulsando a historia da humanidade; e como o passado é irremediavel, e como o leitor não se occupa de estudar as causas dos acontecimentos, e aceita a historia com todas as suas minudencias como uma novella, ou como uma sorte fatidica que pesou sobre a humanidade, tambem não suspeita que a historia contemporanea possa ser amoldada por nós pela força da nossa vontade e da nossa intelligencia

Se assim não fosse, talvez o povo francez impediria o seu regresso ao feudalismo clerical; o povo hespanhol acabaria com a inquisição monastico—palaciana que

fusila seus mais illustres filhos, e escraviza o resto; o povo italiano arrojaria do seu paiz a dynastia de Saboia que lhe dá sómente divida, humiliação e vergonha: e nós o que deveriamos fazer?

Subtrahirmo-nos ás calamidades que nos impõe o poder anarchisador, estudando a nossa organização politica, que só agora principiamos a entrever, e reformando-a.

Estamos ha quatro annos ás voltas com uma guerra, e se considerarmos os nossos feitos, o caminho andado, os obstaculos vencidos, e os thesouros e o tempo, e os exercitos gastos, vemos que não ha proporção entre aquelles feitos e estes grandes sacrificios.

Dá certo houve má direcção da guerra. E a chronica diaria desta epopea de sangue o prova em todas as suas paginas.

Não ha paiz pacifico sem soldados e sem cabos de guerra, que no fim de um anno de uma guerra não tenha, além de um valente exercito, generaes de grande talento e fama. Os federaes da grande republica americana, bem poucos e mediocres cabos de guerra tinham no começo da sua guerra cyclopea; mas esta logo os fez: surgiram do meio da multidão como por encanto: de homens vulgares, que vendiam sua fazenda dentro do seu balcão, de officiaes de officio, de homens de cartorio, de toda a qualidade de paisano pacifico, a guerra fez habeis generaes. O patriotismo popular ia a cata desses grandes homens predestinados a salvar a patria, e os descobria sob os andrajos do soldado estragado pelas fadigas, ou do paisano, e lhe entregava o commando.

Comnosco não acontece isso. Os tres ou quatro generaes favoritos pelo capricho da Realeza, e mais ou menos reputados em tempo de paz, teem sempre commandado como chefes, substituindo-se apenas, apos revezes e erros que provavam sua inaptidão para o commando que lhes era confiado. Um só homem, uma só reputação guerraira não surgio do nosso exercito, onde ha um viveiro de officiaes generaes entre os discipulos da academia militar e a mocidade talentosa.

—E porque?

Porque o capricho da Realeza na sua ineptidão, esteri-

lison o campo de batalha, decretando os louros da victoria a seus favoritos, e impedindo que outros os colhessem.

E' uma pura verdade. Se um Napoleão Bonaparte se tivesse achado em nossas fileiras, nunca teria passado de obscuro capitão de artilharia. Para estes privilegiados e bem aventurados validos da Realeza, as derrotas são contadas como triumphos, os erros são recompensados como façanhas gloriosas.

Em Paysandú um official general de mar e terra, parecendo desconhecer os primeiros rudimentos da arte da guerra que manda bombardear uma praça até esta abrir uma brecha para depois tomal-a de assalto, manda tomal-a de assalto, por 400 homens, e bombardeal-a depois ! O resultado foi como se podia prever : canhonear seu batalhão.

Lembrando se depois, que ia descer a noite, e que aquella força isolada n'uma cidade occupada por força inimiga, estava arriscada, a mandou retirar. Assim a posição foi tomada duas vezes, não tendo sido repellida aquella força pelo inimigo, mas tendo sido dizimada pelos seus.

Esta proeza, que teria sido premiada em outra qualquer parte por uma baixa com patente de incapacidade, o foi bem differentemente aqui: o general que era barão, foi promovido a visconde.

Estava o exercito alliado acampado em pantanos pestilenciaes, e perdia de miasmas centenares de homens por dia. Não sahia das suas posições a espera, não da esquadra ; mas do almirante para começar operações combinadas por agua e por terra. Esperou dez mezes : perdeu milhares de homens, e milhões sem conta : e quando o almirante voltou, trouxe o seu corpinho unicamente. Tinha estado em Montevideo e Buenos-Ayres... a fazer o que ? Ninguem ainda o sabe : a chronica da bocca pequena diz, que se occupou em correr atraz de umas blanquilhas arrebatadoras, que o partido blanco lhe havia atirado por isca.

Alguns de seus amigos dizem que esteve occupado em preparativos de hospitaes... a 200 leguas do teatro da guerra, e em quanto a sua demora matava o exercito !...

Teria abandonado o seu posto para occupar-se de

um ramo de intendencia militar a que preside um cirurgião-mór do exercito!

—Tinha-se dado a batalha do Riachuelo sem elle. Desde então ordenou que a esquadra nada apprehendesse, e apenas se defendesse, se atacada. Não devia haver outro Riachuelo, outra gloria na esquadra que offuscasse a sua.

Esta ordem inutilizou a esquadra em que tanto se confiava. Os paraguayos que o sabiam, passaram uma noite o Paraná quasi a vista da esquadra, surprenderam e aniquilaram a divisão argentina, e voltaram sem que ninguem os obstasse.

A ordem que tinha a nossa esquadra era positiva devia-se cumprir a risca, e cumpriu-se.

—Estavam fundeados a vista de uma barranca alguns encouraçados : um delles mais proximo de terra soffria fogo de fuzilaria dos paraguayos espalhados na barranca em atiradores, e todos os dias perdia alguns marinheiros. Não se podia metralhar o inimigo, porque o almirante tinha ordenado que em caso nenhum se respondesse ao fogo delle ! O official que commandava o encouraçado, perdeu um dia a paciencia, e contra as repetidas ordens de seu superior, metralhou o inimigo, o varreu da sua posição e ficou livre delle. Este acto do official era uma reincidencia de culpa, de que já havia sido admoestado pelo seu superior, e este a deixou passar sem o submeter a conselho de guerra.

Ainda bem, que com esta *clemencia* provou, que entre elle e o seu subordinado, este tinha procedido conforme o dever militar.

Estas duas ordens de inacção impostas á esquadra foram um favor grande e assignalado prestado a Lopez. Se este ficasse vencedor, não havia de ser ingrato com o seu bom amigo que tão bem o serviu.

Cançado da sua propria inercia, o almirante pediu a sua exoneração, e a obteve. A sua volta para a côrte foi festejada como uma victoria. Seus serviços memoraveis foram generosamente recompensados. Era vice-almirante fizeram-o almirante e barrearam-lhe o peito de veronicas do Paço.

Já lhe haviam sido adjudicadas as honras do triumpho antes de entrar em campanha. Sendo que todos os

officiaes n'uma campanha estão as ordens do general em chefe, abriu-se uma excepção a seu favor, em attenção aos serviços que ia prestar.

A patria podia perigar neste duplo commando entregue a dous chefes independentes ; mas que tem que a patria perigue se a Realeza quer pagar adiantados os serviços de um seu valido ?

De ha tempo está elle gozando da bemaventurança no paraiso da côrte, onde presta novos serviços á patria bejando a mão de S. M. Imperial.

Houve, além deste almirante, um general no Rio Grande que dizia ter um exercito de 14 a 16 mil homens em armas, que recebia o competente soldo do erario, e que não tinha a terça parte deste contingente em effectividade de serviço. Quando reuniu a muito custo todo o seu contingente, não chegava a 8 mil. O inimigo avançava em grossas columnas sobre a fronteira, e elle perguntava a um joven bacharel, presidente da provincia, o que devia fazer. Deixou suas forças espalhadas, e não se oppoz á passagem do Uruguay.

Suas forças batiam em retirada adiante do inimigo, superior em numero e disciplina. Por ultimo se contentava de acompanhá-lo de longe, feito sua guarda de honra, assistindo ao incendio de suas cidades, á degolação de seus concidadãos, á violação de suas patricias, sem tirar a espada da bainha.

Podia ter anniquilado o inimigo na passagem do Ibicuy, onde este se achou em critica posição ; e nem o tentou. Este procedimento inexplicavel foi causa de se impedir (com um especioso pretexto lembrado no tratado de alliança), que os generaes brasileiros commandassem o exercito alliado sem consentimento do general argentino ou oriental, pois era natural, que nem um nem outro não entregriam, não diremos um exercito e a causa da alliança ; mas uma companhia ou qualquer negocio publico a homens como este, em quem o governo do Brasil tinha uma confiança inexplicavel.

Verdade é, que em satisfação á opinião publica indignada, o alto poder do Brasil tolheu-lhe o commando, e o submetteu a conselho de guerra ; mas não só este

não teve lugar, como que em reparação e satisfação se lhe entregou novamente o commando!!

Não ha brasileiro, que recordando estes dous personagens, e o poder que os havia escolhido e que os defendia pela imprensa, não se indigne contra estes tres complices de lesa patria, que deixaram na historia da nossa guerra tristes paginas de vergonha e de corrupção.

Seja-nos permittido de perguntar, talvez intempestivamente ainda, se n'uma republica, estando a guerra sob a vigilancia e a direcção do povo, teriam estes homens apparecido na scena do foro politico, e se teria sido possivel um governo que os apadrinhasse para mantel-os em seus postos. A esta pergunta responderemos nós mesmo, apontando o exemplo da sorte do conde de Carmagnola na republica de Veneza.

Passemos uma esponja sobre estes valtos; lancemol-os fóra do nosso quadro para nunca mais nos occuparmos com elles, como lembranças que são, incommodas e inglorias.

Não traçaremos a historia dos generaes brasileiros que lhe succederam no commando, e que commandaram em chefe o exercito alliado, apezar da presença de Mitre, que parece que era general puramente nominal, pois que os brasileiros sempre se arrogavam o plano e a gloria das batalhas.

A justiça porém pede que se diga que Osorio, Porto-Alegre, Polydoro e os generaes que os coadjuvaram (tanto brasileiros como alliados), foram e são valentes soldados, dedicados a sua patria, e que bem mereceram della e da historia. Que se a guerra não correu como era de se desejar, a culpa é de quem deslocou suas aptidões para dar-lhes uma taréfa que não devia ser a delles, como veremos neste rapido exame critico.

—N'uma guerra terrestre e fluvial quem domina o rio tem uma grande superioridade sobre o inimigo, per que póde deitar uma columna ou um corpo de exercito onde melhor lhe convier, com toda a rapidez e pôr o adversario em grandes apuros.

Mas os nossos generaes parece que nunca conheceram esta superioridade, porque della nunca se aproveitaram

nem nunca cuidaram de ter a sua disposição navios de transporte.

—O Paraguay tinha declarado a guerra, e o exercito^o alliado estava em Montevideo. Era importantissimo occupar Corrientes sem demora. O primeiro dos belligerantes que occupasse este ponto estrategico, e fizesse delle sua base de operações, tinha sobre o outro a superioridade que dá a guerra de invasão sobre a guerra de defesa. Esta occupação, feita pelos alliados, teria impedido a invasão da provincia do Rio Grande e de Corrientes, e os teria habilitado a emprehender a invasão do Paraguay de que Corrientes era uma porta.

Embarcar um exercito em Montevideo, e deital-o naquella cidade, era facillimo; e teria alcançado o seu fim, ainda que o exercito constasse apenas de poucos mil homens.

Nada disso se fez. Ao exercito paraguayo tocou a fortuna desta occupação, e com ella a superioridade da guerra de invasão.

—Depois da rendição de Uruguayana era preciso mandar uma esquadra ao Passo da Patria a cortar a retirada de Robles; não se fez.

—Este exercito que podia ter sido transportado rio acima até ao Passo da Patria e além, proximo a Humaitá, palmilhou os pantanaes das provincias de Entre-Rios e de Corrientes, acampou no meio delles, durante longos mezes, na inacção, a espera do almirante, e soffreu tão grandes perdas, que ficou reduzido a menos de metade, sem avançar e sem dar um combate importante em resultados.

—O soldado não era pago; mas tinha a promessa de seus chefes que o seria, logo que chegasse em Assumpção; se morria, sempre figurava ter levado seu soldo para o outro mundo. Quanto mais soldados morriam, mais lucrava, a Intendencia militar que ficava neste mundo. Havia pois alguém interessado no desaparecimento do exercito!

—A trincheira do exercito era o seu peito: disso se gloriavam os que o commandavam. Nunca se viu tanto desprezo pela vida humana. Este desprezo era uma virtude. Os guerrilheiros a tem; são assim.

—O soldado enfermo preferia a barraca e a immunda palha sobre o chão molhado por cama, ao hospital onde morriam todos os que nelle entravam, e sobre cuja porta se podia pôr o cartaz que Dante pôz sobre o seu inferno :

Lasciate ogni speranza, o voi ch'entrato.

—Era mal nutrido, em proveito dos fornecedores, e por incuria de quem tratava da sua hygiene. O homem do Norte do Imperio, acostumado á alimentação vegetal, tinha por alimento carne cançada, por vinho mate que deixava fóra por não estar a elle avesado, e por bebida ordinaria agua putrida das lagôas, infecionada dos despejos do acampamento.

Da robusto e forte que era, em pouco tempo deste regimen, ficava pallido, macilento, extenuado de forças, e se extinguia de um dia para outro de uma molestia nova ; da impossibilidade de viver em taes condições.

A flôr da mocidade que correu expontaneamente ás armas a vingar a patria ultrajada, foi assim que feneceu miseravelmente.

Este espectaculo aterrou os que estavam para marchar. Viram que na nossa guerra morriam exercitos inteiros, por inexperiencia de seus chefes, e que não havia esperanças de que isso tivesse fim. Os que estavam no caso de marchar, embrenharam-se pelas matas. Foi preciso que a metade da nação caçasse a outra metade, que um partido politico caçasse outro para fornecer um novo exercito: os novos soldados iam de suas casas algemados até onde não podessem mais fugir. Estes algemados eram *os novos voluntarios*. Não temiam morrer medindo-se com os paraguayos; mas não queriam morrer ingloriamente de miasmas n'uma espera eterna de chefes, que os não sabiam conduzir á victoria.

Se o Poder tivesse dado ao exercito novos chefes experimentados que avivassem com triumphos as esperanças e os animos abatidos, estes voluntarios da segunda leva teriam-se apresentado espontaneamente: mas seria preciso sacrificar ao exercito os chefes desacreditados: preferiu se sacrificar-lhes o exercito.

O Poder não tinha decretado a victoria aos seus esco-

lhidos? O Poder Supremo está sempre acima da razão e da justiça.

Mas a victoria era impossivel com elles, nem tarde nem cedo. O exercito era uma mole, que os guerrilheiros que deviam conduzi-la, não podiam pôr em movimento. Deram-lhe um chefe novo. A necessidade pôz mais do que o capricho do Poder.

—Quem quizer ter uma idéa das operações bellicas daquelle tempo, leia os episodios della.

O exercito estava acampado nos pantanos, havia mezes, sem emprender operação alguma. Os milhões se escoavam, e milhares de soldados enchiam as vallas com seus cadaveres. As nações alliadas murmuravam. Era preciso sahir da inercia. Se prometteu que se iriam atacar as trincheiras inimigas; mas faltava cavallaria: os pastos eram máos, a cavallada tinha morrido.

—Cavallaria para atacar trincheiras?!—Sim, os guerrilheiros fazem a guerra com cavallaria quasi exclusivamente quando tem liberdade de acção.

Mandou-se tomar por toda a parte os cavallos que haviam, dos mesmos particulares, e mandou-se vir feno da Côte e d'algures. Mas deixa-se o feno exposto á chuva; fermenta, perde-se, e a cavallada se perde tambem antes do ataque das trincheiras! Nova demora.

—A tactica não era inferior a economia administrativa, ou intendencia militar do exercito.

—Tinha-se occupado a ilha do Carvalho; era ponto estrategico importantissimo, porque era a chave do Paraguay: era de se temer que o paraguayo a retomasse de surpresa, e por tanto de noite: elle tem a sagacidade do indio, e vê nas trevas como este. Convinha mandal-a rondar por um ou dous navios de guerra. Não se fez: esta negligencia ia custando cara.

Valeu a *Henrique Martins* e outro navio, esquecerem a ordem do almirante que os condemnavam á inacção, e que cortaram a retirada ao ousado inimigo mettendo a fundo, e soltando rio abaixo os seus transportes; e valeu a coragem do desespero de nossos soldados.

—Outro episodio.

Não se tinha uma carta hydrographica do Paraná, nem do Paraguay, e assentaram de tiral-a sob o fogo

do inimigo. Eram novatos na arte da guerra; mas logo comprehenderam que não era possível. Não sabiam onde se deveria desembarcar o exercito. Itapirú estava em ruínas; mas não sabiam se haveria fundo para um desembarque. . . . Supporiam que Lopez teria construido um forte na margem de um rio para impedir um desembarque onde elle não fosse possível? ! Que cabeças governavam o exercito naquelle tempo!

A estrategia estava ao par da tactica. Consistia ella em atacar o inimigo em seus intrincheiramentos, e tomal-os. Perdia-se quatro soldados por um paraguayoy que se matava, como sempre acontece nos ataques de trincheira: tomava-se o acampamento, algumas quadras de terreno, cantava-se a victoria em todos os diapasons, e estava-se outra vez na frente do inimigo que já estava entrincheirado novamente. Antes de ser atacado, tinha já trincheira na sua retaguarda.

—A's vezes o inimigo negociava os nossos guerrilheiros: estes avançavam resolutos, e cahiam n'uma emboscada em que perdiam soldados aos milheiros. Eram como o esgrimidor inepto, que se atirava sobre a ponta da espada do adversario, esgrimidor perito.

—Não sabiam que Humaytá era um quadrilatero cinto de muralhas, com reductos; iam avante á cega conquistando o terreno quadra por quadra. Esbarraram com Curupaity, reducto de Humaytá, sem importancia, cuja tomada não lhes teria ainda aberto a porta daquella fortaleza.

Atacaram-o, sem saber que forma, nem que defeza tinha. Nós sabemos este luctuoso episodio.

Não tinham nem plano de campanha, nem cartas topographicas: iam á ventura.

Intervallos de mizes separavam um feito de armas de outro, sempre malfadados, porque custavam sangue sem conduzir-nos ao termo da guerra. Tristes victorias eram aquellas! E as treguas entre victoria e victoria dava tempo ao inimigo de preparar-se para receber-nos melhor.

No andar em que se ia, se chegaria a Assumpção precisamente em meio seculo, e se semeariam no caminho 800 mil cadaveres!

A prespectiva não animava; era preciso descer do

capricho para a realidade ; era preciso vencer com um novo exercito depois do desastre de Curupaity; e com os chefes que haviam commandado era impossivel não só a victoria, como o movimento do exercito. Para os guerrilheiros um grande exercito é um embaraço.

O Poder Supremo então entregou o commando do exercito a Caxias. Este general encetava com essa commissão a sua primeira campanha, bem que tivesse já entre nós uma reputação militar. Nós nunca haviamos feito a grande guerra, escola dos grandes generaes. Formou e disciplinou um novo exercito. Creou a administração, os hospitaes, e a hygiene do soldado; mandou levantar trincheiras para abrigo do exercito, e assim respeitou a vida do homem sob a farda do soldado. Reconheceu as posições do inimigo, e fez um plano de campanha.

Era o dever de um general em qualquer paiz ; mas para o nosso foi um lance de genio, porque só tinhamos conhecidos guerrilheiros, com o seu impeto nos combates, e seu descuido antes e depois delles. Este genio era de mais a mais rodeado da aureola do favor imperial, cuja mão fazia garbo em beijar, e era decantado pelo entusiasmo de um partido, que como todos, faz de qualquer mediocridade uma grande celebridade.

Seu plano foi sitiár Humaitá. Era precisamente o que convinha, quer se quizesse obrigar-o a render-se pela fome, ou contel-o, em quanto um exercito seguisse para Assumpção ou invadissee o paiz. E' sabido que hoje em dia uma praça bem defendida não se toma. E' prova Charlestown e o forte Sumter nos Estados-Unidos, praças que custaram boas dezenas de mil homens aos federaes sem que conseguissem tomal-as de assalto: é prova a guerra da Bohemia entre a Prussia e a Austria, tão gloriosa e brevemente terminada pela Prussia, que deixando um corpo de observação fóra das praças fortes, e seguindo por diante com o grosso do seu exercito, acabou logo a guerra.

E' prova Curupaity e o reducto atacado por Osorio; posições ambas sem importancia, com os quaes se perderam 7.500 homens sem se tomarem.

Mas se o plano de Caxias foi bom, a execução foi desastrada.

Não era preciso o tempo que gastou para abrir uma linha de circumvallação desde Curucú, extrema Sul do quadrilátero, e Laurellas, extrema Norte. Mas feito este trabalho, se a tivesse guarnecido de reductos ou do *Blokkhaus*, de distancia em distancia. e de uma estrada de ferro, teria-se podido ir do Rio de Janeiro á Assumpção volteando o temivel passo de Humaitá. Por esta estrada de ferro podia-se ter conduzido uma esquadra encouraçada, e navios de transporte, e o que se quizesse, por que em pedaços se transporta tudo. Os francezes e os italianos tiraram do Mediterraneo uma esquadriha, e a transportaram por caminho montanhoso em carros puchados por bois, e a deitaram no Lago de Garda.

Quatro encouraçados no Rio Paraguay nos dous canaes separados pela ilha do Araçá, a occupação desta ilha e da península do Chaco, fronteira ao Humaitá, teriam fechado o cerco desta praça e de sua guarnição, em quanto um corpo de exercito, subindo o rio, podia ter ido para Assumpção.

Mas não o censuramos, por não ter ideado esse plano. O censuramos por ter mal executado o seu.

A esquadra encouraçada forçou a corrente, entretanto, rio acima, continuou Lopez a ser senhor da navegação com suas canôas e seus vapores, como se não existissem nossos encouraçados. Communicava suas forças do Timbó com as do Tebiquary sem que elles o estorvassem.

Não estorvaram os trabalhos de fortificação do Tebiquary.

Entretanto que estes trabalhos começaram só depois da passagem da esquadra, porque foram a consequencia deste movimento estrategico.

O censuramos por ter deixado escapar pelo rio e juntarem-se no Tebiquary as guarnições de Humaitá e do Chaco.

O censuramos pelo ataque intempestivo, inutil, e em para perda da praça de Humaitá e de seus reductos.

Se o plano era tomar Humaitá pela força, a atacasse logo que chegou ás suas portas, e não perdesse o tempo n'um longo sitio regular. Se era tomal-o pela fome, não o atacasse quando já o inimigo ia successivamente abandonando os reductos e a praça. Se era contel-o em quanto se invadia a Republica, a invadissee

que para isso teve muito tempo e força disponível.

Por isso o censuramos justamente por incoherencia de execução de plano, por ter perdido inutilmente 600 brasileiros na tomada do Estabelecimento, 400 argentinos no ataque da trincheira de Tuyu-cué, 400 entre argentinos e brasileiros no ataque da nova bateria do Chaco levantada ás occultas no matto, e destinada a proteger a fuga da guarnição de Humaytá; 400 em tentativas menores de ataque ou de reconhecimento as trincheiras, e 1200 no fatal *reconhecimento* feito por Osorio: ao todo uns 3 mil homens sacrificados sem adiantar uma quadra para o termo da guerra, e sem serem por necessidade de defeza.

Reconhecimento de Osorio! Mentira fatal que cobre, como uma immensa mortalha, um exercito de cadaveres, e que a nação recebe resignada como um grande castigo infligido pelo destino inexoravel.

Nunca foi reconhecimento, nem nunca foi preciso.

Se faz um reconhecimento com mais ou menos força quando se tem de bater o inimigo, e que se ignora a topographia do campo de batalha e as suas forças.

Aqui não devia ter lugar batalha, porque o inimigo estava abandonando-nos a praça; e não era preciso reconhecimento, porque conheciamos perfeitamente a sua topographia e a sua guarnição.

A denominação de *reconhecimento* é uma desculpa... de uma culpa tacitamente reconhecida.

Elle foi um ataque formal com tres columnas de assalto sobre tres pontos, das quaes uma só atacou, e foi repellida com perdas enormes por não se lhe proteger, nem a posse do reducto tomado, nem a retirada.

Gelli y Obes e Argolo não cumpriram a ordem de assalto, e deixaram Osorio a sós contra todas as forças inimigas.

—Porque Caxias não mandou submeter a conselho de guerra os dons generaes, que não cumprindo a ordem, sacrificaram Osorio?

—Porque do debate n'um conselho de guerra teria resultado uma grande responsabilidade por Caxias como auctor de uma empreza sem senso commum, que custaria a vida, que lhe era confiada, de milhares de ho-

mens, e por ter abandonado Osorio e sua columna, que devia ter protegido.

Reconhecimento! Que reconheceu com elle?—Reconheceu que em Humaitá se não entrava impunemente pela janella, se não depois de ter sahido a sua guarnição pela porta.

Qual foi a operação emprehendida em consequencia d'elle? Nada. Esta experiencia apenas retardou a evacuação da praça, e sacrificou 1200 brasileiros.

Caxias diz que foi em consequencia d'elle que os paraguayos tomaram medo e evacuaram a praça! Tomaram medo da sua completa victoria (?!) que lhes provava que o exercito inimigo ficaria todo sacrificado n'um assalto geral, quando contra um simples reducto sem importancia tinha soffrido tamanha perda?!

Depois, as datas contradizem a asserção. A 15 quarenta a cincoenta canôas transportavam tropas de Humaitá para o Chaco. O despejo tinha principiado.

Era o effeito do cerco, effeito já esperado.

Caxias devia mandar bombardear as canôas que o effeituavam, e cercar a força que já tinha desembarcado no matto. Nada disso fez: pelo contrario, no dia 16 mandou bombardear a praça e ordenou o assalto. Para que? Só elle o sabe. Parece que não queria tomar conta de uma praça abandonada como a de Curupaity, com capim a meia perna, canhões de troncos d'arvore e manequins por sentinellas; queria contar ao paiz, ao mundo e a posteridade, que tomou Humaitá de assalto. Já principiava a ficar enjôado das evacuações que o inimigo lhe deixava na sua retirada. Eis a verdade nua e crua. O seu procedimento só tem esta explicação.

Censuramos Caxias pelo seu luxo de bombardeamentos sem mais effeito do que o estampido, e de custar muito dinheiro. Em 6 mezes deitou 12 mil bombas em Humaitá (algumas centenas de contos), sem conseguir lançar o inimigo da sua posição. Gastou mais bombas contra a praça do que o exercito de Lopez tinha de soldados. As bombas ao vento na guerra, são os latidos do gozo que não póte arremessar-se e morder o adversario. São ridiculos desperdicios de dinheiro e de ameaças. O cerco sim: estrangula o inimigo.

Censuramos ainda Caxias pela negligencia de se deixar

levantar uma bateria no Chaco a poucas quadras de um seu reducto; por mandal-a atacar quando podia inutilisal-a, tomando posições na occasião da evasão do exercito inimigo, que aquella hateria era destinada a proteger. O censuramos por não ter dado fé de que nas alagôas proximas ao seu reducto do Chaco existissem ou se introduzissem mais de 200 canôas, o que prova que não se perlustravam as posições que rodeavam o reducto.

O censuramos por ter mandado palmilhar por um exercito de 30 a 40 mil homens, com bagagens e grossa artilharia, o espaço de 40 legoas, em seguimento de Lopez, quando podia ter-lhe tomado a dianteira, se tivesse embarcado o exercito.

Se ha baterias nas barrancas que podem damnificar os transportes, se desembarca nas immediações e se ataca o inimigo nas suas posições segundo que convem. Em to lo o caso antes ir embarcado no encalço delle, do que a pé. O soldado se gasta nestas fadigas a pé como se gasta a carreta de uma peça.

Todos estes erros fazem do sr. Caxias um general em chefe abaixo de mediocridade, bem que muito aproveitavel na formação e no disciplinamento de um exercito, como já dissemos.

O censuramos... Mas não: quem merece censura não é elle, que fez o melhor que pôde; é quem o escolheu para uma tarefa fóra de sua aptidão, como escolheu para a mesma os guerrilheiros que o precederam.

Não faltavam no exercito homens de plano. Um delles foi o tenente-coronel Carvalho que planejou a passagem do Paraná, e tomou a ilha que tem agora o seu nome. Foi esta a primeira operação estratégica executada nesta longa campanha.

E que fizeram delle? Afastaram-o do exercito. A victoria tinha sido pela Realeza adjudicada a outros.

Haverá cem outros; mas nunca se collocam em posição de offuscar a gloria do general em chefe: de augmental-a, sim.

Elles não são os filhos queridos da Realeza.

Não acabaremos esta rapida revista das operações da guerra sem mencionar a malfadada expedição por terra para Matto-Grosso.

Quem ignora que o deserto é intransitavel para um exercito, a não ser atravessado por uma via fluvial, como aquelle regado pelos rios Paraguay, S. Lourenço e Cu-
iabá?

Oh ! se fosse transitavel, Lopez teria visitado S. Paulo, Nicoláo da Russia mandou uma vez um exercito de 40 mil homens atravez do paiz dos Kirghizes para descobrir o caminho da India. Poucos restos voltaram delle: e não soffreu combates; e atravessou um paiz occupado por pastores nomadas. Pereceu de fome e de miseria.

Para sustentar um exercito no deserto, é preciso, que do ponto de partida até onde elle chega, estejam em caminho duas caravanas sem interrupção: uma levando vivéres, e outra voltando a buscar mais.

Cinco mil homens (a tanto avultava a nossa columna) comem n'uma semana carros de mantimentos. Que providências se deram para sustental-os?

Algum auxilio das provincias de S. Paulo, de Minas e de Goyaz. Um dia deram fé de que os viveres tinham acabado; requestaram-se outros; mas quando chegaram, mais da metade da columna tinha perecido de inanição. Era um quadro horroroso verem-se estes homens macilentos, esfomeados disputaram-se as fructas amargas e toxicas do campo, as cascas de arvore, tripudiam de alegria adiante de um banquete de uma sucuri podre que se disputavam entre si, depois de a terem disputado aos corvos. Um dia encontraram no matto uma melgueira: foi um festim... para poucos: era a vida.

—A vida?—Não: era a morte.

Uma hora depois todos os convivas fortuitos deste festim estavam mortos... envenenados... pelo mel.

Que desgraça!—Qual!

Amanhã teriam morrido de fome. Não se fez caso por um dia menos de vida. Depois, quem faria mais caso de cadaveres humanos do que de gafanhotos mortos? Todos os dias não amanhecia o campo lastrado delles?

Que governo é este que diz aos povos: «Não cureis de vós, menores sem juizo, eu só zelarei de vós, que só o tenho. Obedecei-me cegamente, trabalhai sómente, e ide onde eu vos mandar, comei o que eu vos der.» E vos manda para deserto de Sahara, e quando estais rodeado pela immensidade da solidão, vos deixa sem agua e

sem pão ; vos deixa parecer miseramente de fome e de sede ?

Este tutor ou é um grande malvado, ou um idiota, que deve ser posto sob a tutela deste povo de menores. Ou se esperará por outras provas de incapacidade como esta ? Ah ! ellas custam caras de mais. Depois, não temos nós o desgoverno e a anarchia governamental de todos os dias, prova continua em acção ? Não temos nós a direcção desta guerra ?

Quando se inventou aquella malfadada expedição levantou-se um brado geral da nação contra ella. Todos esses menores a arengarem, e a pôrem em evidencia o absurdo della.

A sabedoria do Poder respondia á ignorancia amotinada da nação uma só palavra : «Marcha. » E a columna marchou... para a morte no deserto.

Mas se a expedição foi mal executada, ainda mais inbecilmente foi ideada.

A mesma cabeça que presidiu á execução, presidiu ao plano.

Para defender Cuiabá não era preciso o reforço da columna expedicionaria. Bastava a sua distancia de Assumpção : bastava a concentração nella dos moradores espalhados pelas margens do rio, e algum trabalho de defesa. Bastava em fim que deixassem esse cuidado a Leverger.

Não era ahi que se decidia a sorte da provincia de Matto-Grosso. Era em Humaytá e Assumpção. Era destes dous pontos que se expelliam os paraguayos de Coimbra, de Miranda, e dos valles dos affluentes do Paraguay. A experiencia provou a justeza deste raciocinio. A capital, sem o soccorro da columna expedicionaria não andou até agora incolume ? Não precisava pois della.

A mandariam por ventura a fazer uma guerra offensiva, entregue a um bacharel em direito presidente, como o senhor Couto Magalhães, que já deu provas da sua pericia militar ? Ou entregue seriamente ao mesmo sr. Drago, seu commandante e presidente da provincia, que foi talvez tudo na côrte, menos, militar, administrador e politico, e que desviou-se no caminho para escapar do inimigo ? Ou teriam pressa de com ella experimentar o desastre de Bella-Vista e outros que taes ?

Pois que para esmagar 5 mil homens, Lopez tinha sempre em reserva naquelle tempo uns dez mil. Quem duvida disso ?

E o que faria aquella columna, operando só, separada por centenaes de legoas do exercito em operação? Queria marchar sobre Assumpção e tomal-a?

Toda a empreza deste malfadado poder, leva o'cunho da mesma imbecilidade e do mesmo idiotismo.

Os alliados vencerão por terem dez vezes mais recursos do que o seu inimigo. Quando ambas as partes beligerantes tiverem perdido cem mil homens, aos alliados restarão ainda quarenta mil para anniquillar os ultimos cinco de Lopez.

Ouçõ fallar em guerra de recursos. Para esta guerra é preciso homens que peguem em armas e partido entre a população.

Lopez não tem nem um, nem outro.

Quando um resto de sua escolta fôr todo o seu exercito, não passará de um miseravel bandido, caçado pelos seus mesmos como uma hyena.

Caxias triumphará facilmente delle, porque a Lopez não resta mais exercito, e perdeu a razão. A victoria final dos alliados porém não representará nunca a sabedoria do governo do Brasil.

Na Suissa, onde os homens mais eminentes na arte da guerra e nas finanças, teriam sido escolhidos pelo povo para dirigir a guerra e suas despezas; onde não ha nem caprichos, nem validos da Realeza a fazer prevalecer, se teriam dado estes desastres, esta anarchia de governo na guerra? Oh não!

O que depende do povo, nós o temos: é o bom exercito. Estamos em falta do que depende do Alto Poder do Estado; bons planos e bons generaes. Por falta delles a guerra tem durado quatro annos, quando estaria acabada n'um anno. E quatro annos de guerra com uma administração ruim, como dizem que foi, com despezas inuteis e necessarias enormes. pôr não saber, ou não se importar de economisar, tem arruinado o paiz. Quatro annos de guerra tem feito desaparecer boa parte da nova geração, e tem coberto de luto muitas milhares de familias. Quatro annos de guerra tem empobrecido o paiz, anniquillado a fortuna de todos com o descredito

do papel. Quatro annos de guerra tem nos tornado ridiculos perante as mais nações espectadoras deste luta de um gigante contra um nanico meio barbaro, de tanga e de bodoque. Quatro annos de guerra emfim tem deixado estampada na nossa historia patria uma pagina incommoda de gloria negativa; e o que mais dóe ao coração de todo o homem que tem sentimento, são as maldições das victimas, que estão expirando nos tormentos da tortura, arrematados pelo cutello do algoz, a confiança que tinham na nossa energia varonil, e a esperança da sua libertação pelas nossas armas. Ah! tanta vergonha não nos toca a nós, os povos.

Não somos nós os menores, sem acção, nem responsabilidade? Quando nossos encouraçados, subindo até Humaitá, não trouxeram a protecção de dez mil bayonetas ao desgraçado povo paraguay, cumpriram a ordem do Poder, e nós não fomos consultados.

A este Poder toca a gloria historica dos contemporaneos e da posteridade por tão acertados e illustres feitos.

Sobre a cabeça deste Poder recahia a maldição daquelles infelizes na sua agonia.

Mas a justiça da historia e dos contemporaneos na sua sentença não sepára a nação do seu governo.

Somos o galé preso a elle pela calceta.

Não teremos direito de a quebrar um dia?

Ha uma autocracia erigida bem alto e em frente da autocracia do Poder, que julga do merito e do demerito de todos os homens e do mesmo Poder, e sem appellação nem agravo.

Ente moral sobre quem não tem acção, nem as leis nem os decretos, nem os alguazis, nem a tortura, nem o patibulo, não póde ser derribada do seu throno, o unico inviolavel no mundo.

Sem ser absolutamente infallivel, é o mais justo dos poderes: todos querem a sua melhor sentença, temem a sua sentença de condemnação, e regulam as suas acções para merecerem a sua approvação. Ninguem se subtrahе á sua ascendencia.

Que poder é este perante o qual a propria Realeza

sente-se vacillante como ré perante o seu juiz, e procura suas boas graças?

Esta grande soberana é a *Opinião publica*.

Mas um dia a Realeza, na sua fatuidade, quiz demittir a sua rival, e como não podesse, nem mandar derribar seu throno pelos exercitos, nem mandal-a encarcerar por seus esbirros, arrogou a si as attribuições della, e deu a seus actos uma fórmula official, e disse: «A opinião publica sou eu: ninguem será tido e havido por homem grande se não por decreto meu: dos grandes farei pequenos, das nullidades farei grandes a meu bel prazer, e as minhas autoridades, e o povo, o tenham por entendido, e façam cumprir a minha vontade na parte que lhes toca.

A Opinião publica ouviu o decreto, sorriu-se e continuou a funcionar.

O povo o ouviu tambem, olhou tambem para a Realeza, tambem sorriu-se de um sorriso mofador e continuou como d'antes agrupado ao redor da sua soberana.

Só aquelles que não achavam possível obter bom julgado della, recorriam ao da Realeza, que ordinariamente os servia na proporção do seu servilismo e da sua dedicação á sua pessoa, não á patria, nem na proporção do seu merito real.

A Realeza então tarifou o merito dos seus favoritos, e ordenou a sua criação da burocracia que fossem tratados na proporção da tarifa e do boleto de que eram portadores.

A uns estampou com o dedo uma fita na casa do paletó, a outros pregou sobre o peito uma chapa, a outros dependurou ao pescoço uma medalha, a outros distribu:u dragonas, chapéos armados, e até a libré de seus lacaios.

Tudo o que era dado pela Realeza ficava sendo signal de honra e de grandeza.

A primeira distribuição foi feita naturalmente entre os seus conchegados, aduladores, cortezãos, lacaios, e encarregados de mistéres tão pouco nobres, que um honrado camponez se teria por insultado se lhe os propozessem.

D'alli passou aos mais supplicantes, gente muitas vezes de merecimento, ou que tinha feito sacrificios pe-

la patria ; mas que não comprehendia bem o pouco que havia de dignidade em sollicitar da Realeza distincções já distribuidas em premio de baixezas, e ás vezes de indignidades entre seus lacaios, seus validos e seus truões e em pedir a ella o que nunca se deve sollicitar, a consideração e a estima e a gloria que a publica opinião distribue espontaneamente a quem o merece.

No meio da distribuição official do merito pelo Poder a Opinião publica continua a funcionar sempre como rainha em frente da sua rival, e a subjuga pelo poder da sua ascendencia.

Quando passa pela rua uma nullidade que apenas tem de notavel a sua veronica dada pelo Poder e a immodestia com que a ostenta, a Opinião publica a aponta a dedo ao povo, e diz : «ahi vai uma celebridade desconhecida, um grande homem por ordem do Rei. E o povo a olhar para elle com ar de mofa, e a dizer : «o fatuo !»

Quando passa arrastando uma longa espada, e fazendo fluctuar ao vento os pennachos de seu chapéo armado e com o peito emplastrado de cruces e commendas um militar que ganhou suas dragonas e suas veronicas nas ante camaras do paço, a Opinião publica o aponta a dedo e diz : eis ahi um heróe das batalhas do Paço, immortal por ordem do Rei : e o povo a dizer : «haverá ainda quem se prese, e que queira trajar como aquillo ?»

Mas lá vem a vez que a Realeza precisa de rehabilitar por um acto de seria recompensa, seus favores em baixa e quasi sem valor na praça, e agarra um sabio, um verdadeiro sabio, homem de respeito, e trocando-lhe o paletó e o chapéo por um manto e por uma corôa de barão da idade media, faz d'elle um mascarado, e o solta por esse mundo para que todos admirem a munificencia e a justiça da Realeza.

Por ventura este novo trajo valerá mais do que o seu paletot rostido e o seu chapéo ensebado ? Para um ade-lo, sim ; para a publica opinião, não. Que ganha este sabio com a troca ? O ridiculo.

Se a Realeza pudesse tirar ou dar o merito a um homem trocando-lhe o nome ou enfeitando-o com uma tunica, ainda que resplandescente como taboleta de ourives, nós diriamos que ella o fraudou trocando-lhe o nome e

o traje honrado que tinha, por outros de cortezão ; mas como isso é impossível, se o homem era sabio, sabio continua. Apenas a este nobre titulo accrescenta o de basbaque fascinado pelos trajos cobertos de ouuropeis da creadagem da côrte. Não seria melhor que os atirasse longe, ou que nunca os tivesse vestido ?

Que nunca tivesse deixado de ser homem sério ?

Pergaminhos e teteias honorificas outorgadas pela Realeza, são tentos de voltareta pagaveis em lisonja e zumbaia a seus portadores, os validos do Poder. Achaes que honram os que os apresentam ?

Quereis vêr como os honram ?

Pegae n'am livro velho, dedicado a um alto personagem, de nome obscuro ; mas condecorado com uma laidinha de titulos e de honrarias do seu tempo. Por pouco que o autor valha, o tereis em maior conta do que esse pretencioso figurão, que a historia deixou n'um justo e completo esquecimento, mas que julgou fazer-se grande ajoelhando-se em acto de adoração nos degrãos de um throno.

A impressão que nos deixa sen altivo nome, é a de desprezo devido a um parvo, máo sujeito do seu tempo, que se autorisava a tratar de servo o povo, offerecendo-se primeiramente como servo do Rei.

Bem vale a pena aspirar a essa gloria !

Antes ficar na escuridão do esquecimento da historia, do que colher o desdem e o ridiculo dos contemporaneos e dos posteros.

Todo o merito merece uma recompensa do poder competente. Mas este poder competente é sómente a opinião publica. E merito é o sacrificio em proveito da patria, da civilisação, das artes, das sciencias ; sacrificio de tempo, de estudo, de trabalho, e até de dinheiro. Bem merece dos seus aquelle que nos trancas da patria lhe dá a sua riqueza, ou parte della. Mas o favor da realeza bem longe de honrar, desdoura este merito, manchando do servilismo do paço quem o sollicita ou quem o aceita ; porque o equipara ao fatuo que o quer ostentar sem o ter, e que o obtem della pela baixeza. A honra cada um a tira de si, não a recebe de outro. A Opinião publica a aquilata, e a proclama. A honra que não tem estas qualidades, não é honra, é desdouro.

A historia da humanidade e a chronica patria registram cada uma os nomes dos seus benemeritos. A primeira o dos grandes, a segunda o dos menores.

A Republica de Veneza tinha seu *livro de ouro*, registro dos seus benemeritos. Bella instituição, que toda a republica deveria ter: deve estar na sua inscripção, e na historia de seus fastos a legitima e honrosa recompensa de merito que estimula á gloria.

Por isso as republicas fazem os benemeritos da patria e da humanidade, e os imperios fazem os validos da realeza.

Um dia D. Pedro I.^o, n'um ataque de liberalismo imperial, passou a seus subditos, nossos paes, a carta d'emancipação chamada *Constituição do Imperio do Brasil*.

Foi um successo historico aquelle; foram umas festas de Natal que fizeram tripudiar d'alegria aquelles bons creanças, que os fizeram deitar luminarias por umas poucas de noutes, e folgarem até não poderem mais.

Esta liberdade valeria bem a alegria, se de Rei emanasse liberdade.

Depois pegaram no papel bemfeitor e o foram depositar como as taboas da lei no seu tabernaculo do archivo da secretaria do Imperio, adoraram-as, observaram-nas, e nol-as transmittiram em legado para que outro tanto fizessemos dellas.

Tinham ficado livres com o tal papel?

Parece que de mais ou de menos; pois nunca viveram contentes em quanto não deitaram pela porta fóra seu auctor e doador. Se não fossem tão livres, quem sabe se viveriam tranquilllos e satisfeitos como o povo russo? O que é certo é, não ser o tal artefacto de liberdade obra perfeita, porque á nação nenhuma satisfaz. Que se alguns povos se accomodam com elle, é porque a Realeza não usa de todo o despotismo ahi encontra ás ordens.

Um povo não é livre pela sua constituição; mas pela generosidade de seu senhor!

Entretanto, em todos os tempos tem havido basbaques que se teem tornado admiradores do machinismo tão providencial, que acham não ser possivel sahir d'elle a desharmonia dos poderes, nem a oppressão dos povos, bem

que tenham constantemente adiante de si tanto a anarchia governamental, como a servidão de todos os cidadãos. Estes parvos teem gasto resmas de papel em estampar a sua admiração por este machinismo providencial.

Em todos os tempos tem havido visionarios, que n'um céo carregado de nuvens descobrem figuras e composições magnificas em aquarella, representando tudo quanto as suas imaginações querem que represente.

Mas os que agora principiam a duvidar de tantas perfeições, acham que com uns concertos de descentralisação do poder, de suppressão da guarda nacional, e do Poder moderador, com a temporariedade do senado, e com outros remendos mais, a machina trabalhará bem e poderá fazer-nos livres e felizes.

E nunca se lembraram de perguntar a si mesmos se poderiam passar sem ella, isto é, se lhes é necessaria. Valia bem a pena que um dia fizessem a si esta pergunta, e correrem as vistas ao passado, e ao redor de nós, e na mesma tribu, a vêr se não ha povos livres e felizes sem ella.

Uma Constituição parece ser um contracto entre Poder e Povo, isto é, entre senhor e servo, cujo fim é garantir o senhorio daquelle e a liberdade deste, dous elementos incompativeis de que só póde sahir a desordem que vemos todos os dias.

Se em vez de dous contractantes, houvesse um só: isto é, se se suprimisse o senhor, e se deixasse o servo, abandonado a si, seria preciso este contracto? De certo que não. A liberdade consiste pois em supprimir a Constituição, e o povo governar-se a si na plenitude da sua liberdade, sob a inspiração do momento.

Assustaes-vos, com o perigo de tanta liberdade?

Que vos importa, se é o povo livre quem padecerá da sua loucura?

Mas não temaes. Assim como o homem sabe acobertar-se do frio, pôr-se ao abrigo do excessivo calor, procurar alimento, porque o frio, o calor e a fome o incommodam, saberá, sem Constituição e sem a oppressão, procurar a ordem, porque tambem precisa della.

A Constituição não póde ser se não uma machina complicada por causa de seu duplo fim, que é: repre-

sentar ostensivamente o trabalho das liberdades populares, e pôr em acção occultamente, por meio de uma mola que a Realeza toca, o trabalho do absolutismo.

E' evidente que onde não se precisa desta dobrez, o mechanismo governativo é simples, e nem se precisa delle.

As Republicas Suissas teem, é certo, sua Constituição cada uma, que pôde ser revista e modificada depois de dous, tres, ou quatro annos de prova. São um contracto de um povo consigo mesmo, que tem por fim não mudar frequentemente de lei fundamental, nem reformal-a sem uma necessidade absoluta e provada; mas essas Constituições são mais um luxo de imitação da *Magna Charta* e de outras leis fundamentaes e classicas dos grandes Estados, do que uma necessidade. Estas são um contracto bi-lateral entre a Realeza, ou Poder Supremo do Estado, e o Povo; contracto inutil onde existe uma só das partes contractantes, porque nos governos democraticos, o Poder Supremo é o mesmo povo. Onde existe uma só parte, não é preciso contracto. Assim o povo pôde rever suas leis fundamentaes a epocas fixas, sem obrigar-se consigo mesmo por contracto, se assim lhe apraz, o que de certo não é muito rasoavel. Porque se se dá bem com ellas, não precisa de as rever, e se lhe sente algum defeito, não o deve supportar até á epoca marcada da revisão.

Entretanto, o que prova que um povo, que não deve contas se não a si mesmo, não precisa de Constituição, é que na Suissa ha um Cantão sem ella. Quando foi convidado a deposital-a no archivo federal juntamente com a dos outros Cantões, declarou que não a tinha, e que se governava por suas leis antigas, que as ia reformando segundo o pedido da necessidade. Nem a tribu, nem povo nenhum que viveu, ou que vive aos quatro ventos da liberdade, teem esse luxo governativo da Constituição. Que vantagem poderia haver em deixar de viver assim? Seria a vantagem de quem, podendo andar de roupas folgadas, andasse de espartilho.

N'ama reunião ou Confederação de republicas ou de municipios ou de quaesquer outras associações politicas, pôde tornar-se necessario um contracto. A Suissa

tem o seu Pacto Federal que regula as relações dos Cantões com a Confederação; mas ahi ha duas ou mais partes contractantes que cedem parte do seu direito para colherem maior proveito. Uma Constituição, onde não ha poder central, dá os precalços do contracto sem os proveitos.

Se nós tivéssemos de nos constituir em republicas confederadas, cada republica partindo das instituições monarchicas que tem, modificando suas leis ou fazendo novas segundo suas necessidades, chegaria ao desideratum da liberdade e da ordem sem possuir uma constituição.

Este pacto fundamental obriga, e não é rasoavel obrigar-se, hypothecar sua liberdade, sem necessidade.

Cada associação politica deve conservar a liberdade de fazer e desfazer suas instituições e suas leis todos os dias, se assim o entender, e ninguem lhe o deve prohibir, porque acima de si não deve ter ninguem que mande.

Quando não tivéssemos razão de rejeitar a nossa Constituição por nos dar a servidão politica, a teriamos por ella nos impôr a servidão religiosa, por sujeitar-nos á theocracia.

Sim, a *Constituição Politica do Imperio do Brazil* é theocratica, e nós temos estado em plena theocracia. Todo o governo sacerdotal é politico tambem, é uma mescla de politica e de theocracia, porque com a theocracia só não se poderia governar um povo. O nosso é governo como o dos sacerdotes do Povo hebreu, como o do Egypto primitivo, como o foi o do Paraguay sob o dominio jesuitico, como é o do Japão, como é a do Dalai—Lama do Thibeth, como é a Pentarchia dos jesuitas em Zaleh na Syria, como é o do Papa, ou do Sultão.

Não nos illudamos por o cartaz dizer *Constituição Politica*—A politica só não tem nada com a religião. Entretanto a Constituição nos impõe Religião d'Estado; recusa a publicidade ás outras religiões; priva de direitos politicos os que não são crentes della; o sacerdocio é official; vive ao mesmo banquete do orçamento com os poderes politico e civil; toma grande parte na governança; e ensino publico perpetua a religião nas gerações vindouras; a Constituição obriga por juramento o imperante a mantel-a, e o codigo prohibe que se ata-

quem as duas fontes vitaes da crença : a existencia de Deus e a immortalidade da alma.

Se a Constituição não é obra dos jesuitas, é inspiração delles. Elles a teriam feito assim mesma.

Isso é politica, ou theocracia ? Se entra nella a politica, é porque, como já dissemos, não se pôde governar um povo sem politica. Esta governa o physico do Povo ; a theocracia governa-lhe a alma. A nossa Constituição não tem por ventura esse duplo fim ?

Se uma crença foi a convicção de quem nos deu a Constituição, que direito tinha elle de nos impôr essa sua convicção?

Ainda fosse ella rasoavel !... Mas nada ha mais absurdo do que uma crença. E' um erro enxertado na consciencia do homem pela educação. A fé tem servido o boi Apis, o caxorro Anubis, os Deuses devassos do Olympo, o guerreiro Irminsul, o grande Odin dos escandinavos, e agora serve com a mesma fidelidade Brahama, Bouddah, Mafoma e o Crucificado. Se temos tanta veneração por este, é porque nos ensinaram a tel-a. Teriamos outra tanta por Jupiter se a educação nos tivesse ensinado á adoral-o.

Não ha homem um pouco pensador que não o veja, e o Poder não é dos mais tolos. Mas quando elle impõe a um povo uma crença, é porque está em sociedade com ella, ou ao serviço della. O seu governo é theocratico.

Mas como a Constituição affectava ares de popularidade, e dizia-se portadora das liberdades publicas, não pôde eximir-se de dar ao povo a liberdade da imprensa.

E' em virtude desta liberdade, que ainda podemos discutir livremente as instituições que nos outorgou a Constituição, *instituições politicas e religiosas*.

Para discutii-as resta-nos só um dia: apressemo-nos.

Os que recebem santo e senha do Poder, já não discutem, ameaçam. Já nos enviam seu manifesto de guerra tão cheio de razão e de direito como o de Lopez.

A razão da guerra é a nossa excessiva liberdade, que degenera em demagogia!...(de que elles são os auctores, e nós os pacientes). A razão da guerra é o nosso racionalismo que nos conduz á impiedade; é o philosophismo que propaga a descrença: e elles querem por força fazer de nós gente pia e crente; mandar-nos para o

paraizo ainda que manietados como mandam seus voluntarios ao Paraguay.

Não são elles os nossos tutores de parte d'*El Supremo* e de Deos?

Mas se nós um dia, ou já, quizessemos revesar a sua tarefa, e sermos tutores delles, não nos assistiria o mesmo direito?

Certamente; mas haviam de nos mandar metralhar.

Eis a *ultima ratio*. Quem falla como elles fallam, contam com ella. Cégo é quem não o vê.

Apressemo-nos a avisar o povo da sorte que o espera. Amanhã se reunirá uma assembléa geral de inquisidores escolhidos, um por um pelo Poder supremo, que porão a bom recado a imprensa para salvar-nos da demagogia; o racionalismo para extirpar a impiedade, e o philosophismo para não cahirmos na descrença.

A inquisição não tem por ventura o direito de regular as consciencias, de dirigir a crença? Mercê de Deos, o Brasil vai ser a Hespanha d'America. Elle tem a fortuna de ter um Poder Supremo, que é por si só um connubio de Realeza com Soror Patrocínio.

Amanhã teremos de obedecer aos senhores que hoje nos ameaçam; mas entretanto seja-nos licito de dizer-lhes, em quanto ainda nos é permittido, *que não conhecem a sua epocha. Os successos se encarregarão de lhe o provar.*

Os que nos querem sob o dominio theocratico da Constituição nol-a apresentam como as Taboas da Lei concedidas no Sinai por esse Deos D. Pedro I.º, e que aceitos por nossos paes, nos obrigam tambem.

Se é menos justo que vivamos, sob a tutela dos vivos que nos governam, e dos mortos que nos deixaram a sua vontade nas suas instituições, menos justo ainda deve ser não gozarmos dos mesmos direitos de que elles gozaram.

Não devemos ser menos livres do que elles.

Quando fizeram suas instituições, usaram amplamente da sua liberdade. Usemos de outra tanta para fazermos tambem as nossas.

Creemos em fim, que se ninguem é obrigado se não pelo que se obrigou livre e espontaneamente, nada do que havemos recebido de instituições e de leis nos obriga.

Se hoje rasgássemos tudo, exerceríamos um acto de legitimo e soberano governo.

Se todos os dias quizessemos mudar de instituições, estaríamos no nosso direito, porque o *eu* de *hontem* nem se póde impôr ao *eu* de hoje mais do que podem impôr-se nossos senhores que nos governam, ou nossos avós que deixaram para nosso governo suas vontades supertistes. O povo soberano não póde ter ninguem acima de si a governal-o, sem que abdique a sua soberania.

PROLOGO

—Prologo no fim ?

—Sim, no fim ; porque se eu o tivesse posto no começo, os tres quartos dos leitores teriam saltado por cima d'elle, e outro quarto o teria esquecido poucos instantes depois de lido para correr ao fim.

Agora que já leu o fim, tem tempo e paciencia de ouvir o Prologo.

Participo da displicencia que a todos os cidadãos fazem soffrer as nossas instituições politicas, e que ninguem cuida em reformar emquanto ella vai em espantoso augmento como querendo se transformar em grave e perigosa enfermidade social.

Parece-me ter achado remedio ao mal, e tanto para convencer da sua necessidade, como da sua excellencia, fui deitando no papel ao correr da penna a minha convicção, ainda que desordenadamente.

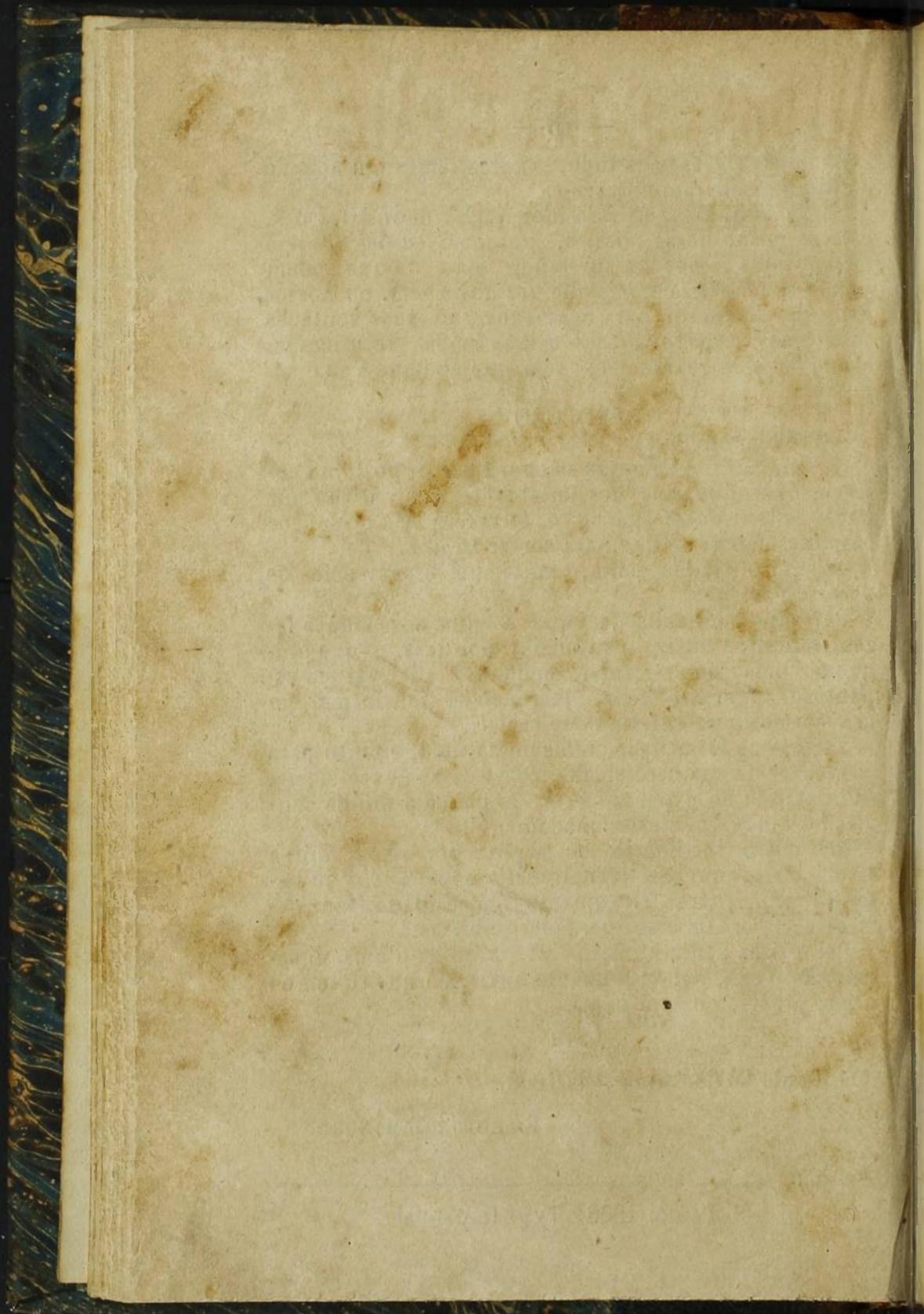
Não posso ser homem de acção : por isso a minha tarefa acaba aqui. Se tiver transformado a idéa do leitor na minha, terei feito quanto me era dado fazer para salvar a ordem e as liberdades publicas.

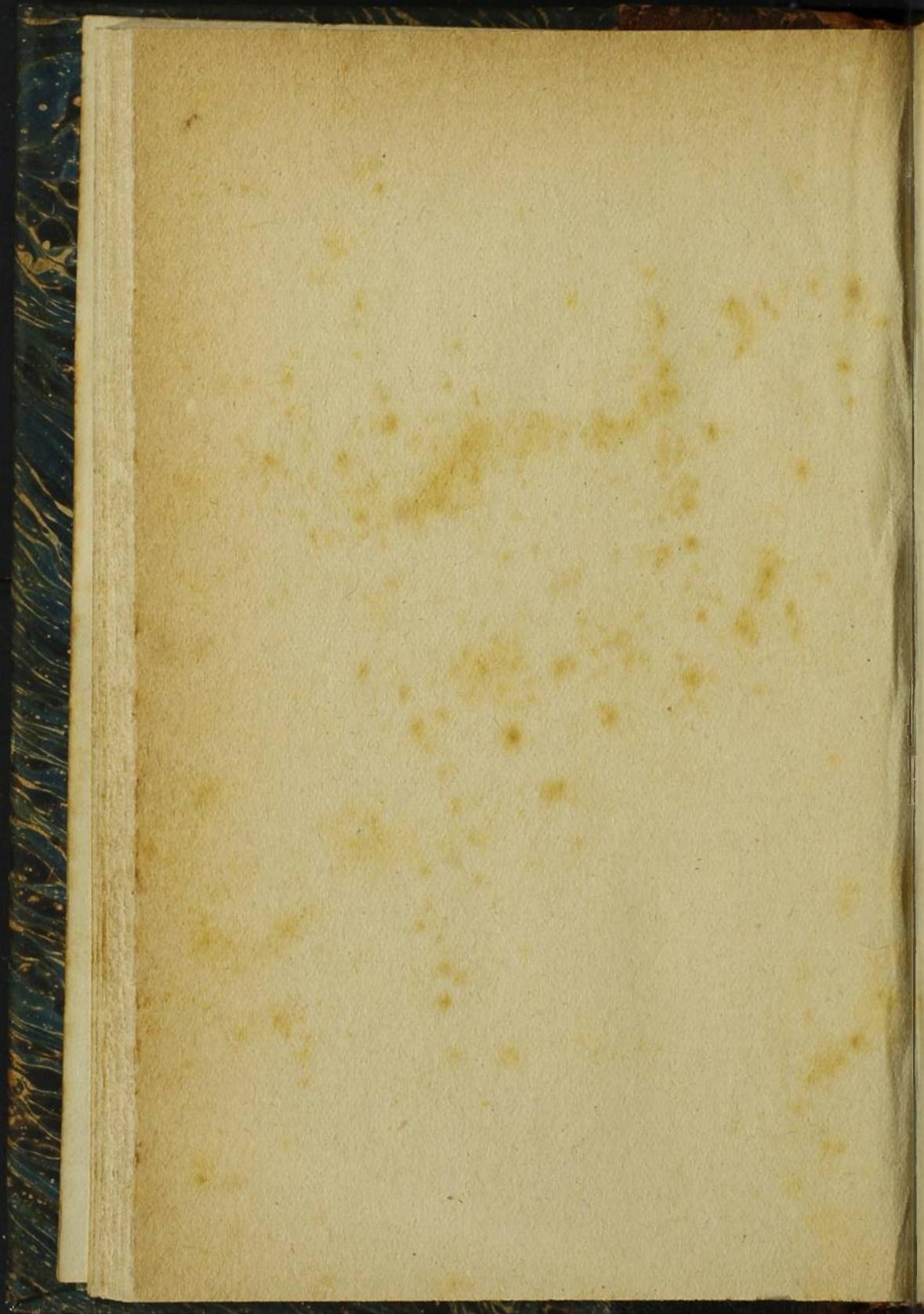
Dei o risco : toca á nação inteira unida u'uma só associação o executal-o; e quanto antes, porque o tempo urge; o perigo bate á porta.

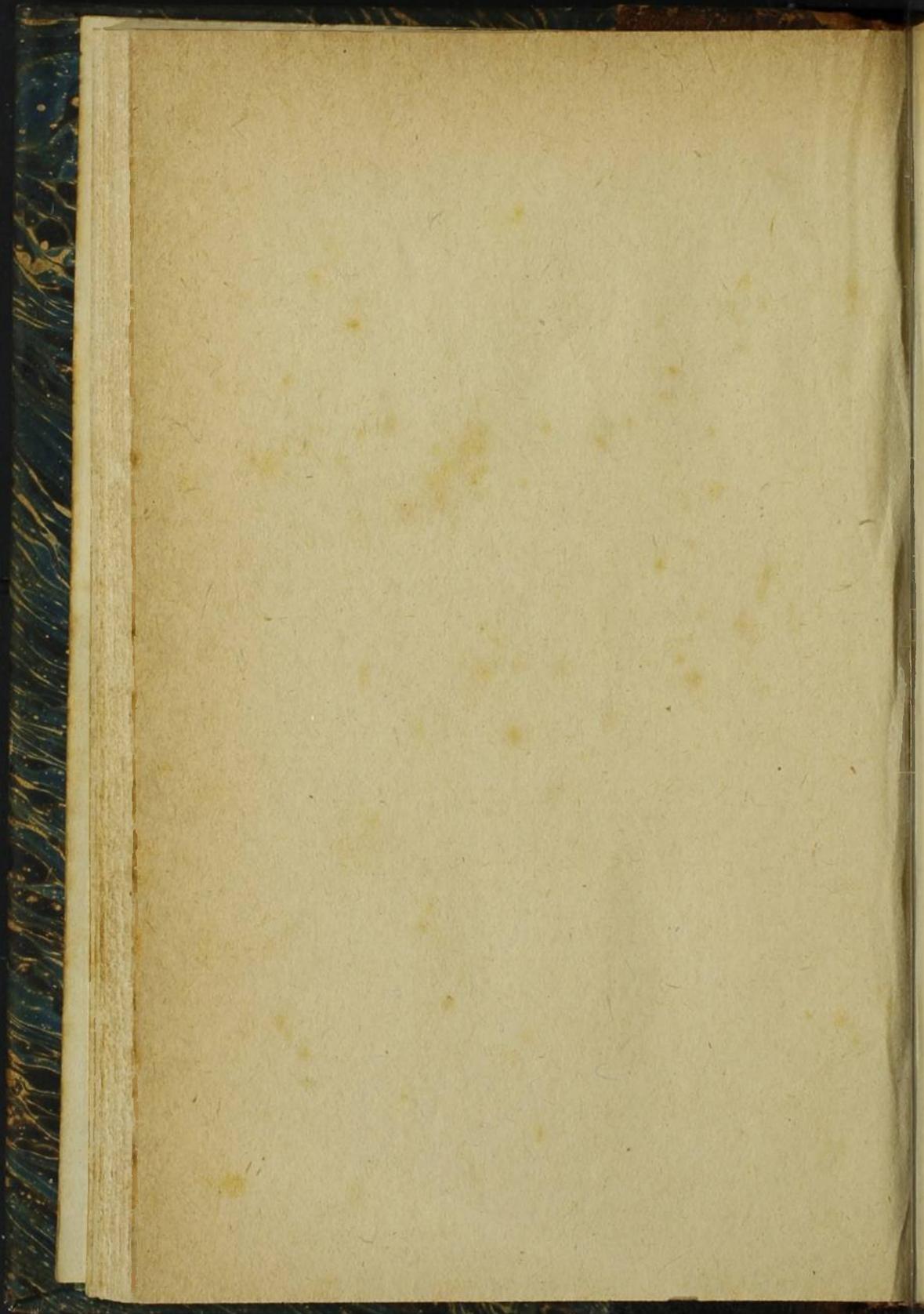
FIM

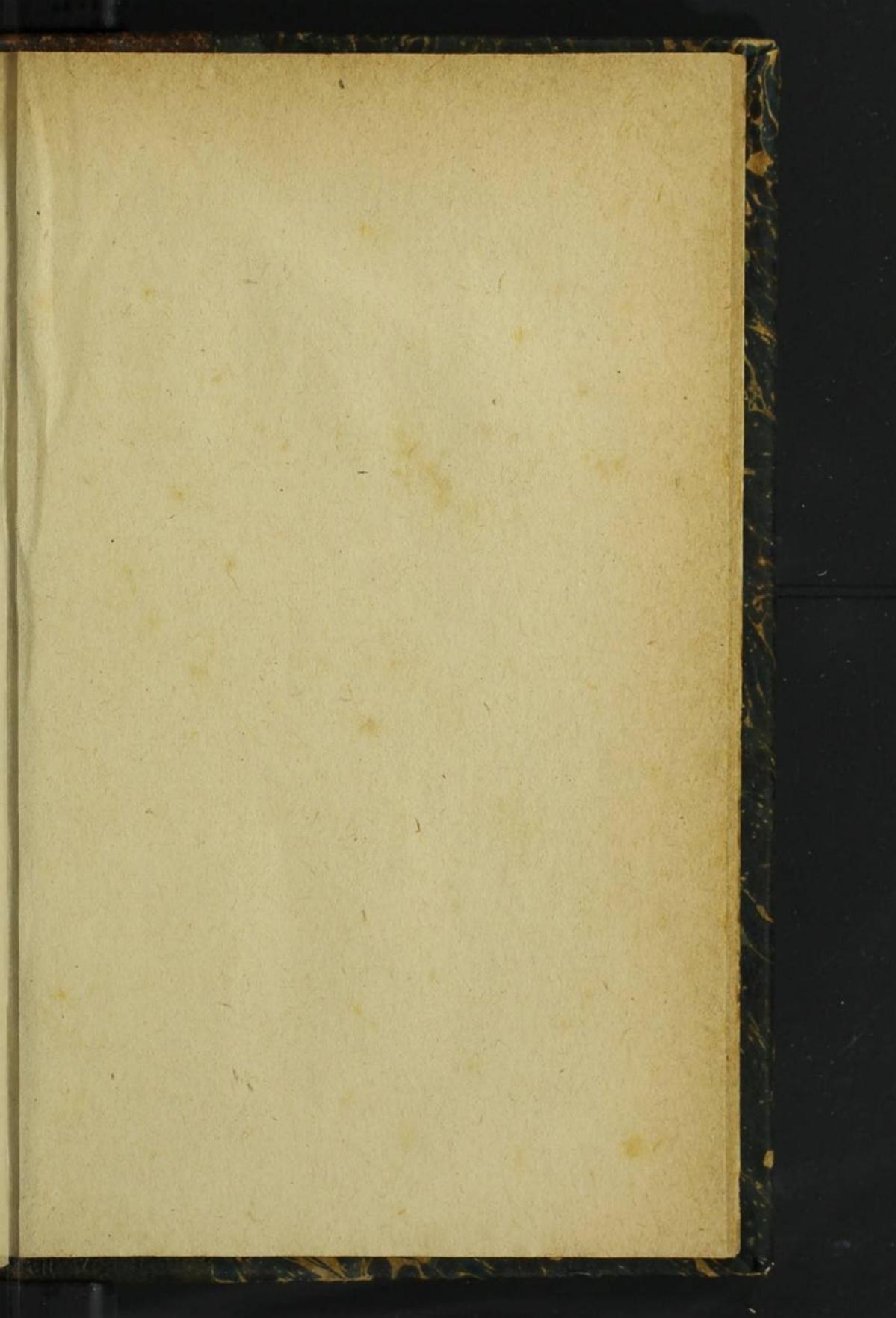
S. Paulo 20 de Outubro de 1868.

FILHO DE TIMANDRO.









Bu

~~1851~~

1851

17551

